ILUSTRAÇÃO

SUA EMINÊNCIA O SENHOR CARDIAL PATRIARCA DE LISBOA
D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA

(Retrato do pintor Henrique Medina)

1-JUNHO-1939 N.º 323 — 14.º ano PREÇO-5 escudos

A CAPA DA «ILUSTRAÇÃO»

• • A capa do presente número, reproduzindo o trabalho notável do pintor Henrique Medina, demonstra também o valor dos gravadores Bertrand, Irmãos e a perfeita impressão tipográfica da Imprensa Portugal-Brasil. • •

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Acaba de ser posta à venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES

IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**

os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**

Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LIBO A

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS **70 CENTAVOS**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-JUNHO-1939
N.º 323 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

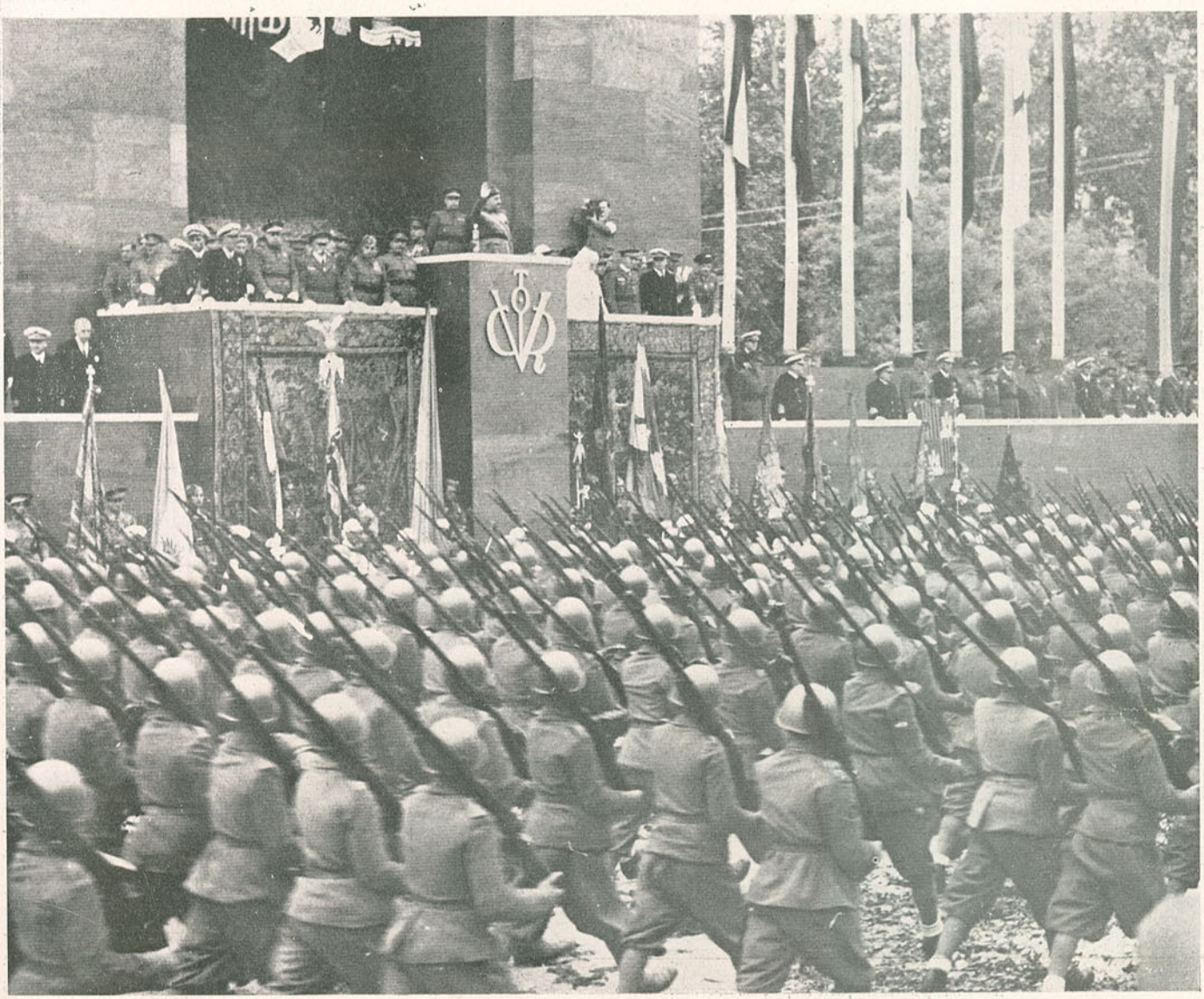
O "Desfile da Vitória" em Madrid

O «Desfile da Vitória», realizado em Madrid, representou a mais eloqüente afirmação da unidade da Espanha de hoje que renasce, mais vigorosa que nunca, dos escombros ensangüentados duma horrorosa guerra civil.

Abriam o desfile as fôrças italianas da Divisão Littorio, levando à frente o seu Estado Maior, as suas signas e bandeiras que drapejaram em muitos combates. Seguiam-se-lhe as Divisões de Flechas — Negras, Azues e Verdes — em que se encontravam encorporados grupos de metralhadoras, artilharia, canhões anti-aereos, carros de combate e «tanks» ligeiros, rapidíssimos que provocaram grandes ovações. Depois, a Marinha de Guerra... Os exércitos do Sul, do Levante, de Navarra, de Toledo, o glorioso Exército de Espanha.

Comandados pelo capitão Júlio Nunes Perreira de Oliveira, que ostentava duas cruzes laureadas de S. Fernando colectivas, a medalha de sofrimento pela Patria e a insígnia de cavaleiro mutilado, marchavam quinhentos portugueses que foram lutar nos campos de batalha de Espanha por uma causa justa e nobre.

A' sua passagem a multidão saüdava-os com entusiásticas salvas de palmas e vivas calorosos a Portugal. A marcha da Vitória marcou um grande dia nas gloriosas páginas da História de Espanha.



Alegria que se espalha pelos bosques com saudações coloridas de inocência e graça infantil

"MENS SANA IN CORPORE SANO,,

A Escola "Américo Magyar,, em Angola

em que os seus alunos educam o espírito e robustecem o corpo

QUANDO há anos se falava em ir para as Áfricas à procura de fortuna, logo surgia o remoque:

— Para a África?... Mas eu não cometi crime nenhum para ir degredado!

África era considerada uma "colónia penal„ e nada mais.

Em boa verdade, quem escreve estas linhas tambem estava convencido de que a nossa África deveria ter a aridez da alma dum condenado à pena máxima.

Um dia, desembarcando em Angola, verificamos o contrário...

Paisagens agradaveis, vegetação exuberante!

Saindo do Lobito, tomamos o comboio, e eis-nos a caminho de Benguela, linda cidade de aspecto moderno, com suas avenidas direitas, cheias de sol.

Numa das nossas digressões, fômos até Vila Nova plena de encanto e atractivos.

Vlsitamos a Escola Primária "Américo Magyar„ graças á gentileza da sua ilustre professora sr.ª D. Dulce Felicidade Ribeiro dos Santos.

— Cumpro o meu dever — disse-nos ela — mas não posso ocultar a grande saüdade que sinto pela Mãe-Pátria de que há dezasseis longos anos me separei. Vim para esta colónia imensa, onde procuro dar-lhe a minha cota parte de amor e de trabalho em prol de todos os portugueses que nela mourejam.

Sei o que se pensa na nossa terra natal... Repare bem... Quero que veja e admire alguns dos mais belos trechos destas paisagens e o sistema educativo que proporciono aos meus queridos alunos.

Seja porta-voz do que vir, junto dos nossos compatriotas metropolitanos, para que êles fiquem fazendo uma idéia da maneira como se educa e se trabalha em Angola, e ponham de parte o errado conceito de que "esta terra é apenas um presídio de degredados„.

Dissertando assim, a professora D. Dulce, rodeada dos seus alunos, ia seguindo a margem do rio Cutato, que fica a uns dois quilómetros de Vila Nova.

A' beira dum regato murmurante, fazendo côro com as águas límpidas, as crianças soltam o fio de vozes cristalinas, na doce «Alegria de Viver»

Aproveitando o «recreio», as crianças banham-se no rio Cutato

Belo ar! formosíssimo cenário!

É que estamos a 1.800 metros de altitude como a nossa Serra da Estrela.

— É aqui — continuou a gentil professora — que, em pleno contacto com a Natureza, se recreiam e educam todas as crianças que me estão confiadas, e ás quais, de harmonia com as suas aptidões, ministro, não só os conhecimentos prescritos pelos programas em vigor, como tambem a educação física, procurando aproximar-me da perfectibilidade humana, pela coragem, alegria, desenvoltura e robustez intelectual moral e física destes pequenos sêres pujantes de vida que tanto desejo ver moldados com traços firmes e belos!

Com efeito, aquelas crianças formavam grupos que nos davam uma visão da Grécia Antiga em que não só se cultivava o espírito mas também o corpo.

— Mas não fique pensando — prosseguiu a sr.ª D. Dulce — que nêste estabecimento de ensino apenas se brinca. Para fazer uma ideia do aproveitamento dos meus alunos, posso informá-lo de que, dos quarenta e dois que chegaram ao fim do ano lectivo, 33 fizeram exame e passaram de classe, como poderá verificar pela respectiva estatística. A escola, como viu, é dum só lugar, contando apenas com a minha única vontade e esforço para a tudo atender devidamente.

Sobre as pedras batidas de sol, confundindo o perfume da sua graça natural com o perfume tonificante da Natureza-Mãe, as alunas interpretam a terna «Canção da Vida»

Entretanto, as crianças trepavam aos rochedos banhados de sol entoando alegremente a terna "Canção da Vida».

Tivemos a ilusão de estarmos em Esparta em que a alma perfeita queria ter por invólucro um corpo belo e são.

Verdadeiro e único teatro da Natureza!

Pelas fragas escalvadas, em que a própria mudez nos fala com a maior eloqüência do grande Poder Natural, as crianças com os seus fatos á maruja, brancos como a pureza das suas almas inocentes, entoavam o "Barquinho do Douro». Junto deles, o rio Cutato, sempre murmuroso, fazia o acompanhamento.

Depois, através dos bosques ensombrados, surgindo nas clareiras como aves chilreantes, pisando tapetes de relva perfumada, rapazes e raparigas, na melhor e mais inocente comunidade, organizavam corridas que nos recordavam a antiga Maratona.

E subindo, e descendo, sorvendo a plenos pulmões o ar vivificante das relvas e os beijos acariciadores do sol nos planaltos, aquelas crianças encontravam o revigoramento dos seus corpos sedentos da seiva que a Mãe-Natureza sempre concede.

É desta maneira que se ministra a instrução nessa escola modelar que encontramos nas paragens ignotas africanas.

Angola é um verdadeiro encanto!

Nas noites calmas, junto das margens dos seus rios, reünem-se aves de mil e uma espécies, organizando concêrtos melodiosos que nunca mais se esquecem.

Continuando as suas tão apetecidas digressões, a petizada escolar corre, salta, canta e banha-se

Em face do que vimos, a nossa impressão acêrca de África modificou-se por completo.

Verificamos, com desvanecimento, que nessa Angola distante há pontos tão deliciosos que chegamos a supôr que o tão celebrado Paraíso Terreal tivesse sido ali.

Se não foi, podemos dizer que o é agora, pois nem lhe falta as almas em estada de graça.

A professora D. Dulce Felicidade Ribeiro dos Santos conseguiu realizar a sua aspiração.

Dulce Felicidade encontram os seus alunos sob a sua direcção modelar.

Quem se recorda ainda da antiga mestra carrancuda, de palmatória á cinta, espalhando o terror entre os alunos inermes?

Pois nessa Angola distante, vamos encontrar uma escola modelo que desejariamos ver reproduzir na própria metrópole...

Em resumo, se nos fôsse dado voltar à meninice, muito nos agradaria ir para a escola nessa deliciosa Costa de Africa do ensino.

SERGIO DE MONTEMÓR

Uma alegre saudação ao sol

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

Milhares de almas reünidas em Fátima elevam a sua fé pura, ingénua e sincera como mais deve agradar a Deus. A gravura acima mostra a sr.ª D. Júlia Monteiro Guedes, presidente da J. C. F. pronunciando o seu discurso

ECOS DA QUINZENA

Não se perdeu felizmente a admirável iniciativa que a Associação Comercial e Câmara do Comérc o de Lisboa tomou há três anos, de homenagear as Casas Centenárias da primeira praça do país, – actualmente mais de sessenta, sendo decanas a Casa Batalha, fundada em 1635 e a Livraria Bertrand fundada em 1732 – em acto público que o venerando Chefe de Estado consagrou e cujo brilho ainda se conserva em boa memória.

Perante êste êxito que não foi devido à novidade mas à justiça, as Casas de Comércio com mais de cem anos resolveram agrupar-se num Núcleo, dentro da Associação Comercial de Lisboa, centenária como elas, e que foi a primeira fundada em Portugal, e por isso a elegeram presidente honorário dêsse prestigioso agrupamento, e decidiram a 15 de Maio, data da fundação da Associação Comercial de Lisboa, que se reüniriam em banquete anual. Assim se fez no ano passado, e se repetiu pela terceira vez êste ano, no salão nobre daquela Associação.

Presidiu o sr. Roque da Fonseca, Presidente da Associação Comercial de Lisboa, que tinha à sua direita os srs. Embaixador do Brasil, Ministro da Itália e Dr. Azevedo Neves, Reitor da Universidade Técnica, e à esquerda o srs. Embaixador da Inglaterra, Claude de Séze pelo Ministro da França e Conde de Monte-Real.

O sr. Roque da Fonseca, num brilhante discurso, prestou homenagem às C sas centenárias, terminando por dizer:

«— É por um voto de esperança que quero rematar hoje as minhas palavras. Adornam festivamente esta sala, ao lado da nossa, as coloridas bandeiras dos países nossos amigos que simbolizam gloriosamente as Nações que viram nascer os comerciantes fundadores das casas estrangeiras centenárias da capital portuguesa. No meio delas, não por primazia, mas por ser a desta casa também centenária que vos acolhe, está a da Associação Comercial de Lisboa. É branca, côr da Paz, e caiu já sôbre ela a luz de muitos sois. E, assim, como através do cristal do prisma, se fundem na côr branca todas as côres do espectro, assim também, ao encarar aquele conjunto multicolor de bandeiras de grandes Nações, nesta hora em que aqui nos reüne o mesmo espírito de solidariedade, — eu creio consagrar bem êste encontro de amizades colocando-o, com os olhos postos na pequena bandeira branca da Associação Comercial de Lisboa e em comunhão com as aspirações unânimes de todos os povos, sob os signos da Paz — de que são factores invenciveis a Ordem, o Trabalho e a Justiça!»

Um aspecto dos exercícios de defesa passiva contra gases e bombardeamentos efectuados no campo do Jockey Club pelos bombeiros voluntários da capital

Uma página dum jornal do Pôrto, em 1903 — Desenho de Nogueira

Breves apontamentos sôbre Soares dos Reis

O regresso do grande escultor à terra natal

Vila Nova de Gaia recebeu-o com aquela fugaz alegria de tôdas as recepções. Dias depois já a sua presença se tornava como um uso, que poucos notavam e raros estimavam. Indiferente à maioria da população, iniciou o seu tormento de incompreendido, buscando no carinho de meia dúzia de amigos, o estímulo que não encontrava em gente de fortuna ou situação. A terra não era positivamente de *brasileiros* ou doutores, mas pessoas de gôsto ou cultura também não formavam academia. Olhavam-no com respeito, admiravam-no inocentemente, tinham vaidade no conterrâneo e até julgavam que «como êle não havia outro no mundo»; porém, do que êle seria capaz, poucos o adivinhavam. Começou então o tédio a assaltá-lo. As amizades que tinha e foram fieis até muitos anos depois da sua morte, serviam-lhe apenas como boa lenha num fogo que ambicionava ser clarão. Faltava-lhe um meio, e pensou em criá-lo; faltavam-lhe museus, cenáculos, labuta de colegas que o animassem; as suas exaltações com os problemas de arte, procurando aplausos de entendidos ou altercações donde saísse qualquer incentivo, esbarravam nos prudentes burguesismos da aldeia, que, quando muito, meneavam a cabeça. O seu feitio nervoso e desigual de humor, precisava dum mundo de salutares repelões que o conduzissem à heroicidade, mas o respeito que lhe tinham era como uma almofada branda onde os seus impulsos não encontravam resistência e o amoleciam num desespêro cortez e silencioso. Se se isolava, sofria; se procurava convívio, desencorajava. Batia tôda a vila em passeios a pé, calcurriava os campos, ia a Lavadores vêr o mar, atravessava a cidade da outra banda e, orgulhoso, regressava cansado, arrependido e silencioso. Tinha, por versão, crises de infantilidade e atitudes carinhosas com a gente simples com quem se familiarisava. Brincava com as crianças, apreciava os amigos e escondia os queixumes, por detrás do seu temperamento delicado, que muitas vezes tinha securas impenetráveis. Passava dias escondido, sem falar a ninguém, e outros cheios de exuberância, a talhar projectos, para iludir o coração. No Pôrto tinha quatro ou cinco artistas que o estimavam a sério, outros tantos jornalistas que gostavam de lhe puxar pela língua, convidando-o a abrir um curso, a concorrer a tudo, a trabalhar para exposições. Contudo, ninguém aparecia a encomendar-lhe uma estátua, a despertar-lhe o amor ou a desviá-lo das cismas malignas. Um padre amigo, o abade Santana, pediu-lhe então para lhe fazer um *santo*, um *Cristo morto*, para o altar de S. Vicente, na matriz onde fôra baptisado. Soares dos Reis tomou o barro, e em breves dias modelou o modêlo do Cristo nú que existe hoje no Museu de Lisboa, depois de andar aos baldões e maus tratos pelas arrecadações da igreja de Mafamude, para onde logo em seguida desbastou em madeira a imagem que lá se venera, encarnada num tom doentio, e exposta sob uma gaze que a misterisa. Sabe-se que foi danificada e que uma facha de setim e católica lhe envolve os quadris para esconder o sacrilégio.

Retrato de Diogo de Macedo, por Soares dos Reis

Foi essa a primeira obra que executou em Portugal, fora dos seus compromissos escolares, se não contarmos com um *busto do General Lima e Costa*, e com o estuque que modelou como um grego, para o teto da casa de jantar do seu amigo Joaquim do Sabão, representando *Apolo num carro, puxado por dois cavalos*, obras que fez obsequiosamente e para encher o tempo, nas férias forçadas, entre os estudos de Paris e a partida para Roma. Mas a primeira encomenda que alcançou, paga por preço de esmola, compunha-se de quatro figuritas de dois palmos cada, representando *Neptuno, Júpiter, Juno* e uma *Dançarina*, para uma fábrica de louça, que havia em Gaia, cujo dono as mandou, vidradas, nesse mesmo ano de 1873, à Exposição de Viena de Austria, das quais se ignora o destino. Quem sabe se fôram quebradas ou adornam qualquer lugar indecoroso de casa de azulejo, sem que ninguém desconfie terem saído das mãos do malogrado Artista! No entanto, foram essas figuritas de barro de faïança, suficiente estímulo para a criação do *Artista na infância*, cujo gesso se encontra na colecção José Relvas, assim como o busto de *Rapaz negro*, que pertence ao Museu de Lisboa.

Bem pouco bastava para o arrancar ao torpôr do desânimo. É que longos meses passou entregue à inércia da espera, apenas engendrando obras no sonho e desenhando motivos de pedras antigas, consoante as topava nas suas longas caminhadas de neurasténico. Queria produzir e nem uma oficina tinha. Trouxera boas sementes, mas faltava-lhe a terra; havia de a conquistar e de a adubar com as amarguras do coração. Os outros — mas para que se importava êle com os outros? — só pensavam no estômago e nas medalhas, quando não na intriga. Chegou a experimentar curá-los de tão más doenças, mas debalde... porque talvez êles tivessem razão.

Frenético, negando-se, a-pesar-de tudo, a acreditar na realidade, procurou um buraco onde se esconder e pudesse trabalhar, e foi instalar-se, primeiro num barracão, em Santo Ovídio, e depois na cidade do Pôrto, na rua das Malmerendas. Aí desenhou retratos; modelou figuras alegóricas para canteiros que lhas deturpavam na reprodução e lhas pagavam por dez réis de mel coado; gravou medalhões de amigos; levantou *Ornatos e Meninos brincalhões*, para estuques, como o da casa do Silva das Palhacinhas, que foi destruído há bem poucos anos; modelou *Anjos* e *Carpideiras* com emblemas fúnebres; desbastou *santos* e até os fez de *roca* para vestir ao gôsto das beatas; talhou uma *Cabeça de tigre* a deitar água pela bôca, para uma fonte na Estrada Nova, da sua vila; esquissou ilustrações para jornais e para uma edição dos «Lusíadas»; e aí também idealizou a melhor parte da sua portentosa obra e deu os toques finais no *Desterrado*, antes de o entregar ao *Ateneu D. Pedro IV*, que é hoje o Museu Soares dos Reis.

Não falando nos fatais albuns então muito em moda, que meninas pedichonas lhe traziam para adornar, Soares dos Reis em pouco mais era lembrado. Alguém o procurou para o encarregar de dois bustos em marmore, que teve de executar por fotografias. Destinavam-se ao Gabinete de Leitura, no Rio de Janeiro. Estes bustos, de tamanho natural, eram do *Visconde de Tamandaré* e do *Marquez de Herval*. Os gessos originais encontram-se hoje na sua terra, em casas amigas da sua querida Gaia. Os mármores pertencem ao Museu de Marinha e Instituto Histórico e Geográfico, do Rio de Janeiro. São dois trabalhos pouco representativos, em que apenas predomina o modelado honesto, visto terem sido feitos nas más condições dumas fotografias inexpressivas, e em horas de desfastio, anunciadoras de desalentos futuros.

Há dois anos que vegetava em Portugal, arrependido de não haver resistido a tudo e ter-se deixado ficar por Roma, que nunca esquecia. O ano de 1875 passou o na vil tristeza das espectativas, julgando-se esquecido, e apenas entregue às afeições da família e dos amigos. O seu desejo seria o duma desafronta natural, correndo com a tropa fandanga dos pedidos e das promessas de confôrto moral, que no fundo o explorava pacientemente, corajosamente. Deus sabe quantas lágrimas de sangue e fúrias contidas, na espera de melhores dias, passou, sugestionando-se por fim, esperançado na ocasião de o chamarem para uma obra digna do seu génio, um grande monumento ou qualquer trabalho de vulto, onde tôdas as suas espacíssimas faculdades se revelassem, antes que a idade ou o desalento o tolhessem. Êste medo de quando em quando, assaltava-o e fazia-lhe tanto mal como uma doença.

Para se distrair recorria a trabalhos miseráveis que ocultava. — "Tenho estado algumas vezes em relação com a arte industrial" — escreveu êle.

Produzia ao acaso da sorte, estudando sempre que para isso tinha oportunidade, brincando com o tempo, com a dor e com o talento. Oferecia-se para ajudar os outros, receando os desmaios da vontade, e mal contava com a remuneração dos seus esforços, pagos por preços vis em ridículas incumbências, quando não executados gratuitamente. Para enganar o tédio e a pobresa das encomendas que recebia, distraía-se com as crianças, filhos dos amigos, inventando passatempos ingénuos e deitando papagaios de papel ao ar, com balõesinhos acêsos no rabicho.

Certa noite de primavera, a gente de Gaia vê um *sinal no ceu*, um luzeiro de estrêlas a mexer-se como uma serpe, tomando-o por castigo do Senhor ou coisa de bruxedo pelo caminho dos astros. Vem às ruas com clamores, e por último descobre que o aterrorizante *sinal* era uma estrêla de papel, içada pelo filho do Caniço. Contou-nos isto uma velhinha que «nunca mais se esquecera daquela correnteza de lumes no firmamento». E rematava a lembrança, dizendo:

— «Aquele rapaz, coitado, tinha destas maluquices...»

Maluco!... Assim o considerava o povinho da sua terra, na sua bisbilhotice sem maldade. Era tido como pessoa de manias, exquisito de ideias.

Diz-se que nunca andava senão pelo meio das ruas, a olhar a direito, sem notar quem lhe passava ao lado. Sucedia, por vezes, voltar-se de repente, olhar para trás e pedir desculpa a um conhecido que vira ao longe, e que, distraído, se esquecera de comprimentar. «Era um cabeça no ar, mas uma santa criatura», — diziam os vizinhos.

Absorto, não enredando a atenção nos incidentes da rua, deambulava horas sem fim. Passada larga, os ombros caídos, quási sempre só, sorumbático, tinha seu quê de fantasma. Amigo dos seus amigos, só com estes tagarelava; mas no geral falava pouco. Horas esquecidas, em silêncio, escutando mais com os olhos que com os ouvidos, quando adregava comentar qualquer facto, fazia-o delicadamente, mas dum modo preciso e sem papas na língua. Só os problemas de arte ou as questões de honra lha desenferrujavam.

Não sendo verboso nem rico de vocabulário, tinha no entanto, na sua sinceridade, uma linguagem clara, convincente e simpática, que os gestos da mão completavam e o seu olhar esclarecia. Era um bom, um emocionado muito sensível, subtil de entendimento, com um aspecto sombrio que as barbas longas mais vincavam. Detestava as nefelibatices e zurzia-as com desprêzo.

Adorava as flores e as crianças. Com o coração a extravasar de ternura, procurava as árvores e as pedras antigas, já que a maioria dos homens o entristava.

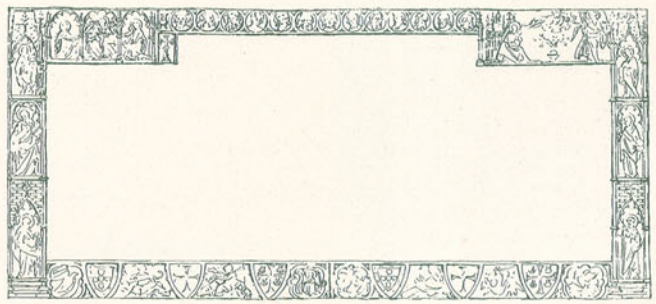
Um dia, confessou o mistério do seu isolamento a um íntimo, e confidenciou-lhe a sua paixão por aquela linda rapariga, filha do Loureiro, que há anos vira em casa do seu grande amigo, o velho Diogo de Macedo. Pouco depois estavam noivos. A diferença de idade foi motivo para considerações, mas Soares dos Reis era um homem honrado e a pequena aprendera a admirá-lo, respeitando-o até ao momento doloroso do seu suicídio, e sempre depois através das mais angustiosas lutas da sua viuvez, sacrificando-se mais do que manda o razão humana, contra tôdas as insídias da maldade alheia, numa abnegação total pelo mundo, em favor de duas crianças que lhe ficaram nos braços e da memória daquele que tanto lhe queria pelo quanto ela o mereceu.

Estes primeiros anos de fadigas, de ilusões e de amor em Portugal, foram o mais terrível preparo de resistência para as muitas quadras amargas que viria a sofrer. A sua generosa bondade a pouco e pouco tomaria as côres do desdém, da descrença, da cólera, do desânimo e por fim, do desespêro. A Academia do Pôrto — irrisória recompensa! — nomeara-o *académico de mérito*, pouco depois do seu retorno a Portugal e das preciosas ofertas das suas obras ao museu daquela.

Nunca o Estado emprestou dinheiro que lhe rendesse tão alto juro!...

Ruy de Aragão

Uma página do «Charivari», um ano após a morte de Soares dos Reis



A lápida de bronze de Leça do Balio — Desenho de Soares dos Reis

UMA IDEIA EM MARCHA

A "Casa dos artistas„ está na ordem do dia, outra vez. E digo outra vez, porque há anos, bastantes já, se começou a tratar do mesmo assunto.

Foi um artista modesto, mas dedicadissimo à classe teatral, que concebeu essa ideia, sendo muito ajudado pelo empresário Luiz Pereira, êsse grande coração sempre aberto a ideias generosas.

Creio que há mesmo uma verba, depositada em qualquer parte, para tal fim.

Em tempos, chamei a atenção para tão bela iniciativa, numa entrevista que publiquei num jornal da noite, que incluí, depois, nas crónicas do meu livro *Tagarelices*.

Essa entrevista foi com o saüdoso empresário já citado, e nela se mostrava o grande interêsse que essa ideia inspirava a Luís Pereira e que Tristão trazia pegada à alma.

Infelizmente, nós somos duma indolência extraordinária a dar andamento a qualquer iniciativa.

Andamos a chocar a ideia tempos esquecidos, e nada de realização.

É bem o símbolo da preguiça portuguesa a alusão às "Obras de Santa Engrácia„.

Fica tudo para amanhã. Já Sousa Bastos, na sua revista *Sal e Pimenta*, estigmatizava tal defeito, numa personagem que se chamava *Amanhã*.

Muitas ideias, muitas esperanças risonhas, mas tudo o homem deixava para amanhã.

O que esta preguiça mental faz perder à colectivade, e ao próprio indivíduo que dela enfêrma, não se calcula.

Eu mesma, que vos estou falando dela, também por ela sou atacada muita vez. Ou não fôsse eu portuguesa, e bem portuguesa.

Mas, justamente, porque já lhe sofri as conseqüências, eu a trago a terreno e a fustigo com o chicote da crítica, para evitar mais vítimas.

—•—

Maria Matos, artista e alma de artista, tomou agora a seu cargo dar sangue novo a essa iniciativa, que se ia finando de anemia cansada pelo desprendimento dos próprios que dela viriam a aproveitar um dia.

Quem dera que a grande artista conseguisse unir tôdas as vontades, sem políticas mesquinhas, numa cruzada santa, em que grandes e pequenos, uns sem orgulho e outros sem humilhação, se dessem as mãos formando a cadeia invencível da solidariedade da classe de teatro e de cinema, que as duas têm origem igual e interêsses iguais.

Deixem todos falar o seu coração, e deixem de parte essa indolência, que em tal caso seria criminosa.

Ponham os olhos em França, na sua explêndida *Maison des artistes*, em Pont-aux-dames fundada por Coquelin — o inolvidável *Cyrano de Bergerac*.

Todos os anos há uma festa em benefício dessa instituïção, que rende muitos milhares de francos.

Os que estão ainda nas fileiras, erectos e firmes, não se esquecem dos que fraquejaram e lembram-se que qualquer dia lhes chegará a sua vez de abandonar o campo de batalha, feridos pela adversidade.

—•—

É preciso não esquecer um ponto frisado pela impulsionadora de agora.

Essa casa deve ser tudo menos um asilo. Só esta palavra arrepia. Dá ideia de miséria, decadência, humilhação e desconfôrto. Quando não desconfôrto material, o pior de todos — o desconfôrto moral.

É preciso que essa casa de repouso seja um lar em que cada um no seu quarto se sinta absolutamente independente, convivendo, quando está de humor para conversas, isolando-se, quando o seu espírito lhe pede recolhimento. Nada de camaratas em comum, obrigando a convivência que nem sempre apetece.

E, sobretudo, carinho, muito carinho da parte de quem dirige e de quem serve.

Trata-se de ilusões que se acalentaram e não se querem perder, trata-se de novas crianças para quem a recordação das noties triunfais são os brinquedos que entretêm e distraem, e tornam a velhice um fardo mais leve.

Sendo assim, está bem. Se não, o vão de escada e uma nesga de céu azul são preferíveis.

É preciso que não se tenha a sensação de recluso.

—•—

O asilo é um pavor. Querem saber uma coisa a tal respeito? Há uma criatura, trabalhadora infatigável no teatro e na imprensa, apanhada pela doença, a quem um dia ameaçaram com a entrada numa casa de caridade.

Ela, atemorizada veio ter comigo, ali numa friza do São Luiz, e pediu-me para interceder para que tal caso não se desse.

— "Eu cômo tão pouco... Umas chavenazinhas de leite... É só a renda da casa. Um cubículo que seja, mas asilo não!„.

Escrevi ao Eduardo Schwalbach, expondo os factos. A quem me dirigiria que mais amasse os artistas do que o autor de tantos êxitos?

E a minha infeliz camarada não foi para o asilo; ficou na sua casinha.

Ora é assim mesmo que pensa Maria Matos, e é assim que é preciso que se faça.

O artista, em qualquer modalidade de arte, não é um mendigo.

É um dos grandes factores da civilização dos povos, dá luz à pátria onde dispende o seu talento, e de todos merece admiração, carinho e gratidão imperecíveis.

MERCEDES BLASCO.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. Dr. Oliveira Salazar proferindo perante a Assembleia Nacional, o formidável discurso em que marcou a posição de Portugal no actual momento histórico, e definiu as bases em que se firma hoje, com sólido prestígio, a nossa política externa.—*Ao centro:* O sr. Presidente da República, sua esposa e filha visitam o panorama miniatura da Exposição do Mundo Português

Os convidados que visitaram a Casa de Repouso dos Escritores e Artistas, em Colares.—*A' direita:* O sr. Presidente da República acompanhado de sua esposa, inaugurando a exposição de flores coloridas de Alfredo Moreira da Silva

Bonaparte atravessando o Monte de S. Bernardo — Quadro de David

FASTOS NAPOLEÓNICOS

O suave perfume e os espinhos da grandeza

Na estrada que vai de Florença a Siena, entre a vila de S. Casciano, que se orgulha de haver servido de residência ao célebre Machiavel, e a de Crestalto, que se ufana de ter sido o berço do famoso Boccacio, existe, perdida no fundo dum vale, ou antes, afogada num ninho de esmeraldina verdura, uma pequena aldeia, tão pobre e obscura que debalde se procurará o seu nome no mapa.

Em 1807, durante a época de maior glória e esplendor do império napoleónico, nêsse formoso éden, coberto de frutos e de flores, onde dir-se-ia que Pomona dera o braço a Flora, vivia, com uma simplicidade verdadeiramente bíblica, um cura chamado Buonaparte.

O curato era pobre e por conseguinte pobres eram também a igreja e o presbitério.

Não havia na humilde igrejinha campesina nem vitrais quatrocentistas, nem Madonas pintadas pelo divino Rafael, nem órgãos executados por Serassi nem tampouco pratas cinzeladas por Benevenuto Cellini.

Mas respirava-se lá dentro um tão intenso perfume de espiritualidade, que qualquer ente verdadeiramente piedoso ao penetrar naquela pobre igreja que o sol entrando a jorros pelas numerosas frestas inundava de poalhas de oiro, ao ajoelhar junto daqueles altares cobertos das mais lindas e viçosas flores do vale — obras de artistas inferiores, é certo, mas possuidoras dessa suave e ideal beleza que enternece os ânimos e engendra a fé — ao escutar o concêrto que os passarinhos com os seus gorgeios e trinados faziam cá fora, sentiria a sua alma mais próxima de Deus do que sob as abóbadas gélidas das velhas catedrais.

Havia seguramente mais de vinte anos que o Reverendo Buonaparte viera para aquele curato. Vivia pobre e obscuro como se não fôsse tio-avô do célebre general que tão gloriosamente conquistára a Itália.

O éco das terríveis cavalgadas, com que Napoleão Bonaparte fazia tremer o solo da velha Europa, tinha chegado ao pequeno vale, isolado no meio da Toscana como um ilheu no centro do oceâno, tão amortecido que o bom cura ignorava completamente que seu sobrinho-neto, trocara a sua farda de simples general pela púrpura e pelos arminhos imperiais. Ouvira apenas falar, e mesmo assim confusamente, num certo general Bonaparte, descendente (diziam) dos Buonapartes da Córsega, que esmagara os austriacos nas batalhas de Lodi, Arcole e Rivoli.

Porém, nem que soubesse da elevação de seu sobrinho ao trono imperial o digno cura não teria deixado o seu curato para ir fazer a sua côrte ao sol nascente. Era absolutamente destituído de ambições.

A sua alma, boa, ingénua e simples como a de S. Francisco de Assis, nada tinha de comum com a dêsses entes terrivelmente ambiciosos, ferozmente ávidos — verdadeiras aves de rapina — que eram os Bonapartes.

E, enquanto em Paris, os irmãos e parentes do imperador disputavam, trocando entre si réplicas eivadas de veneno, os despojos arrancados, à fôrça de montanhas de oiro e de rios de sangue, aos países vencidos, o venerando sacerdote vivia muito sossegadamente no seu curato, podando nas horas livres as suas roseiras e cuidando das suas vinhas sem desejar nem ambicionar mais nada, a não ser que o Senhor, na sua infinita misericórdia permitisse que êle, até ao fim dos seus dias, gozasse aquela dôce paz e aquela dôce felicidade.

Para o cura Buonaparte, as horas nunca decorriam monótonas. Durante a época da caça, pegava na sua carabina — uma velha carabina que parecia datar da época da tomada de Roma pelas hostes do condestável de Bourbon — e voltava à tardinha com a bolsa de caça carregada de lebres e perdizes. Nas belas manhãs da primavera, ou ia pescar à linha num lago vizinho, ou ficava nos jardins do presbitério, cuidando das suas flores. Quanto às noites, passava-as relendo o Evangelho e preparando os seus sermões.

Mas isso eram as distracções temporais. Com respeito às espirituais, tinha missa quotidiana que celebrava, não maquinalmente, mas com verdadeiro fervor religioso e a prática aos Domingos — prática exposta em têrmos singelos, para poder ser compreendida pelo espírito simples daquela gente simples. Depois, lá vinha um baptizado, um casamento, uma comunhão solene...

Todos na aldeia estimavam e veneravam infinitamente o velho cura modêlo das mais belas virtudes cristãs. Ele, por seu turno, vivia exclusivamente para os seus paroquianos, mas, devemos confessá-lo, entre êsses filhos espirituais havia dois que êle distinguia com particular afecto. E, além dos filhos espirituais, havia outro ser que, a-pezar-de não possuir alma cristã, ocupava também um certo lugar no seu coração...

Primeiro que ninguém, estava a pequena Mattea, uma jóvem de dezasseis anos, linda e pura como um anjo, a quém dedicava uma ternura verdadeiramente paternal. Vira-a, pode dizer-se, nascer. Fôra êle que lhe lançára sôbre a fronte a água do baptismo. Fôra êle que lhe dera a primeira comunhão...

Era com um enlêvo de avô que o bondoso cura a via, de dia para dia, crescer e embelezar. E, em segrêdo no seu coração, só pedia a Deus que não o deixasse morrer sem a ter casado.

O noivo já estava escolhido. De acôrdo com a mãe da pequena, o cura prepara-lhe um casamento esplêndido.

Os dois velhos, aliás na melhor das intenções, cometeram o êrro de não consultarem a opinião da principal interessada. Limitaram-se simplesmente a informar Mattea de que estava prometida ao jovem sacristão Tomaso.

Este último ocupava o segundo lugar na escala das afeições do cura. Quanto ao terceiro objecto da sua ternura era como se está depreendendo, um animal doméstico. Um cão? Um gato? Um passaro? Não, uma galinhinha branca, de boa raça — autêntica Venus galinacea — inteligente e meiga como um cãosinho. Andava constantemente atraz da sotaina negra do cura. Acorria toda apressada ao seu chamamento, aninhava-se aos seus pés quando, no verão, ele almoçava á entrada do presbitério, sob o caramanchão. Depois, findo o almoço instalava-se-lhe no colo para dormir a sesta.

S. Francisco de Assis não amara com mais fraternal amor os passarinhos do que o Reverendo Buonaparte amava a sua galinhinha branca — a sua Bianca, como êle meigamente lhe chamava.

Bianca jamais lhe dera o menor desgosto, ou sequer a mais leve inquietação. Já assim não sucedia, infelizmente, com Mattea e Tomaso.

O procedimento da pequena com respeito ao moço sacristão causava-lhe bastante pesar. A sua atitude junto do noivo — todos o diziam na aldeia — parecia mais duma resignada do que duma feliz nubente...

Afinal, porque razão Mattea não amava Tomaso? Se ela era linda como uma madona de retábulo, êle, com o seu rosto de patricio e o seu corpo de atleta, era belo como um jovem deus pagão. Quanto ao moral, Tomaso fazia honra ao cura seu educador. O único defeito que se lhe poderia apontar era o de ser um pouco brigão. Realmente, Tomaso, em cujas veias corria o sangue desses gibelinos e desses guelfos que outrora tinham ensagüentado a Italia com as suas lutas, estava sempre pronto a envolver-se nas pequenas desordens da aldeia mas êsse defeito é, na maioria dos casos, uma qualidade aos olhos das filhas de Eva. Porque razão, afinal, Mattea não amava Tomaso?

É que o amor é uma paixão caprichosa e violenta que não obedece a razões. Mattea, embora se soubesse adorada pelo noivo, embora reconhecesse que todas as suas amigas lhe invejavam o esbelto sacristão, estimava-o, mas não o amava, não o amava de amor.

O belo Tomaso, por quem tantas outras suspiravam em segredo, não conseguira fazer brotar no coração da noiva a divina centelha. O pobre rapaz iludia-se, enganava-se a si próprio, tomando por timidez e pudor natural numa donzela, a indiferença de Mattea. Esquecia-se de que o amor (sobretudo em Itália) das mais timidas faz as mais ousadas...

Mas ninguem se iluda nem se engane a si próprio. A mão que se abandona fria e inerte nas do noivo, poderá ser mimosa e linda como uma flôr de lys, mas não é a mão da mulher que ama. A boca que perante os mais veementes protestos de amor, permanece muda, poderá ser o mais tentador dos calix de volupia, mas não é a boca da mulher que ama. Os olhos que, em face do prometido, não falam, não riem como se nêles habitasse uma alma, poderão ser os mais belos do mundo, mas não são os olhos da mulher que ama...

Porém, Tomaso nada via, nada percebia em materia de psicologia amorosa feminina e, na esperança de que toda essa gélida indiferença se fundiria, como a neve sob os primeiros raios do sol primaveril, ao calor das suas íntimas caricias, esperava ansiosamente o dia feliz em que pudesse chamar-lhe inteiramente sua.

A data marcada pelo cura e pela mãe de Mattea para a celebração do casamento aproximava-se, mas o homem põe e Deus dispõe.

Há casamentos que não estão escritos no Ceu, e o de Mattea com Tomaso era um deles.

O pobre cura viu, num instante, desfeito o noivado que com tanto carinho preparara.

Foi assim:

Por uma dessas formosas manhãs de estio, em que o sol domina soberamente o espaço de lápis lazuli com o resplendor ofuscante da sua esfera dourada, ouviu-se em todo o vale um ruído insólito. Todos se olharam surpreendidos e assustados. Os mais curiosos e espeditos correram a estrada, e, momentos depois, voltavam a toda a pressa, anunciando que um esquadrão de cavalaria francesa descia o vale e avançava para a aldeia.

Era um facto. Alguns minutos mais tarde, precedido duma nuvem de poeira, surgia ao longe o esquadrão francês e, num abrir e fechar de olhos, o pátio do presbitério ficava repleto de cavaleiros. Um deles, o comandante, sem duvida, apeou-se dum salto, dirigiu-se a Tomaso que á porta mirava, boquiaberto, a chegada dos franceses, e ordenou-lhe que fôsse anunciá-lo ao sr. Cura Buonaparte.

O cura, que da janela do seu quarto presenceara a entrada dos franceses e ouvira o pedido, ou antes a ordem do general, nem por um instante duvidou que êle era uma espécie de centurião que vinha, com os seus pretorianos, buscá-lo para o conduzir ao local do suplício.

(Continua).

EUNICE PAULA.

Alegoria de S. Francisco de Assis, improvisando as estrofes do seu fameso «Cântico das Criaturas». Ao romper de alva o santo conduz a charrua puxada por dois bois — Quadro de Th. Chartan

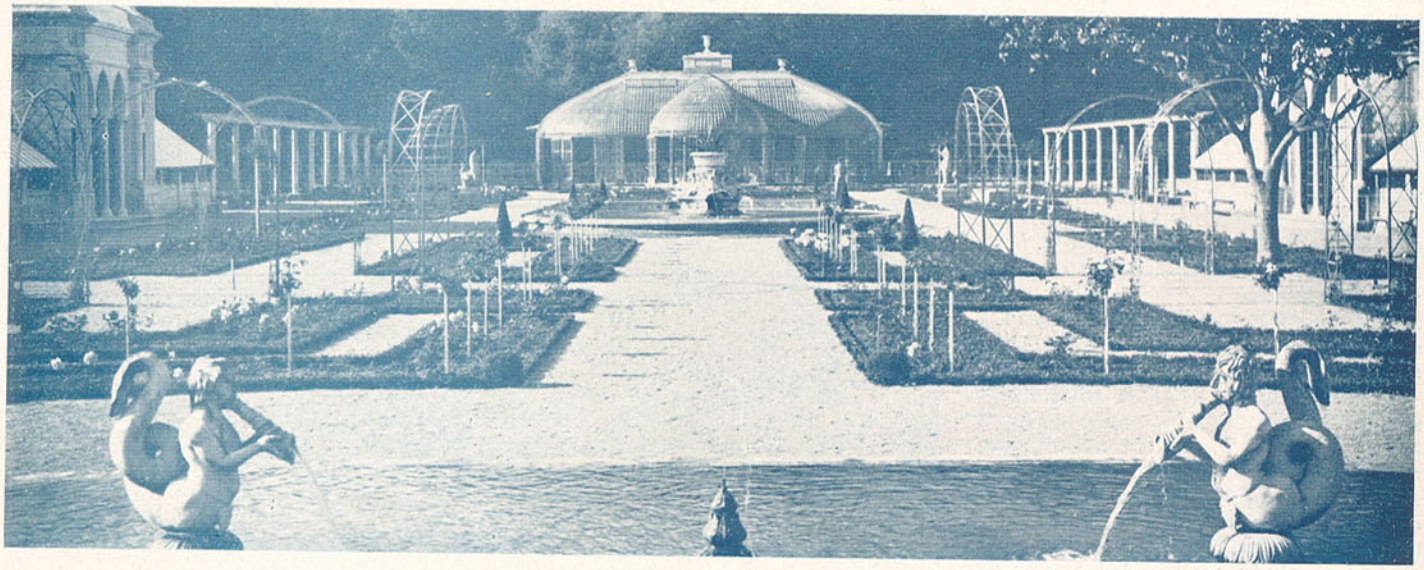
Maria Letícia Ramolino, mãe de Napoleão — por Gérard

Napoleão coroando Josefina — Quadro de David

NOTICIAS DA QUINZENA

Dois aspectos da romagem ao túmulo de Eduardo Coelho, fundador do «Diário de Notícias». *A' esquerda:* o sr. Eduardo Schwalbach depondo um ramo de flores. *A direita:* o sr. dr. Beirão da Veiga, administrador delegado da Empresa do grande diário, lendo o seu discurso

O sr. ministro do Chile e sua esposa com o sr. Arcebispo de Santiago que visitou Lisboa, seguindo, em seguida para o seu país. *À direita:* Alunas da Faculdade de Letras que tomaram parte na cerimónia da «queima das fitas»



O «Grande Roseiral de Lisboa» inaugurado no Jardim Zoológico. É um recinto amplo, recortado a primor, plantado de quatro mil pés de roseiras raras, com as suas pérgolas e os seus caramanchões que só esperam os abraços das hastes floridas e perfumadas para o transformar num verdadeiro Paraíso

Um magnífico retrato do sr. Cardial Patriarca

No surpreendente retrato de Sua Eminência o Cardial Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, o pintor Henrique Medina atinge as culminâncias da arte realista.

As suas faculdades de traduzir plasticamente a observação física e a interpretação moral revelam, nesta obra de extraordinário poder evocador, dotes de técnica e sensibilidade que se me afiguram excepcionais.

O homem de coração bondoso e de tratamento inefavel, de espírito elevado e lúcido, elegante e culto; o mais alto prelado da Igreja Católica em Portugal, a um tempo recolhido na meditação, e consciente da responsabilidade imposta por tão alto cargo, tem, na tela magistral de Henrique Medina, constante presença que, em cada observação, nos revela aspectos novos de grande humanidade e de profunda vida espiritual.

Por isso quanto mais olhamos para êste magnifico retrato mais êle nos atrai e nos encanta.

Há pouco pareceu-nos descobrir, na fixidez e na dispersão leve do olhar, os indicadores da concentração; agora encontramos no gesto exacto da mão direita descansando sôbre a cruz peitoral, traço característico da íntima religiosidade e do suave temperamento; depois procuramos adivinhar na contractura e no movimento subtil dos lábios, se foram preces ou palavras santas, de esperança e de confôrto, que Sua Eminência proferiu.

Uma grande harmonia envolve tôda a composição, construida em atmosfera íntima de fôrça, doçura e gravidade.

A expressão fisionómica, embebida na graça espiritual que irradia do olhar fundo e transparente, e a dulcissima atitude da mão pousada sôbre o coração e o símbolo do Cristianismo, são os motivos centrais que irresistivelmente prendem.

A solidez da construção impõe-se pelo rigor do desenho, pela riqueza e pelo equilíbrio da côr, pela modelação robusta mas discreta, pela qualidade dos materiais, pelo jogo impressionante dos volumes, dos planos, da luz.

Não há exibicionismos técnicos nem convenções neste quadro que vive da harmonia e da verdade. A qualquer preconceito de estilização antepõe-se o próprio assunto que domina por completo o pintor, pelo respeito e pela beleza moral.

O artista, com suas preferências, não deixando de marcar, e fortemente, uma personalidade bem distinta, cede todavia o lugar às imposições do tema. Eis a grande concepção do realismo doutros tempos e de sempre.

Note-se por exemplo como é diferente o processo da modelação nos panejamentos e nas carnações. Nestas, as pinceladas fundidas parece quererem exprimir mais reverência tratando a face e as mãos do augusto prelado.

E, todavia, sem empastamentos, sem notas gritantes de côr, antes na suavidade mais propícia em nivel luminoso que dignifica melhor a doutrina límpida e o pensamento claro do retratado, Henrique Medina realizou um dos melhores trabalhos da sua carreira fulgurante, um dos mais belos e comoventes retratos realistas que tenho contemplado.

O pintor Henrique Medina

E, se quisermos enquadrar esta obra prima na arte nacional, direi que ela possue, para isso, os predicados essenciais, pois que traduz bem a doçura do nosso temperamento e as caracteristicas da serenidade forte que sempre glorificou o nome português.

LUIZ REIS SANTOS.

A inauguração da nova séde da Ordem dos Advogados

O Chefe do Estado, ladeado pelos srs. Ministros do Interior e Agricultura, prof. dr. Caeiro da Mata, dr. Carlos Pires, dr. Pedro Martins e dr. José Alberto dos Reis, presidindo à sessão solene da inauguração da nova sede da Ordem dos Advogados. O sr. dr. Carlos Pires, presidente da Ordem, proferiu um discurso, exaltando o significado da homenagem que ia prestar-se ao sr. Ministro da Justiça, cujo perfil traçou e enalteceu a sua obra vastíssima de reforma da organização judiciária, que resolveu problemas particularmente delicados e integrou nessa organização a Ordem dos Advogados

D. Maria Pacheco defendendo o «Alcazar» de Toledo

CARLOS V encontrava-se numa posição dificilíma em face das desordens deflagradas em Itália que o impossibilitavam de regressar a Espanha onde as coisas se tornavam de tal modo graves que a sua corôa corria um grave perigo.

Estava, além disso, em desavença com Francisco I, da França, e em hostilidade com os luteranos.

No entanto, o imperador não era homem que desanimasse fàcilmente. Associou à regência dois colaboradores preciosos: o condestável e o almirante de Castela, escreveu aos chefes da rebelião, levou, em suma, a efeito tais providências que os negócios começaram a mudar de face...

Por sua vez, o vice-rei de Valência, expulso desta cidade pelos descontentes, julgou poder voltar ali a retomar a sua autoridade. Mas a sua severidade e imprudência precipitaram essa infeliz cidade nas mesmas perturbações que pouco antes a tinham ensangüentado.

A princípio, os descontentes opuseram uma certa resistência à entrada do vice-rei, mas, em face do facto consumado, pareceram resignar-se...

No entanto, aguardavam apenas uma ocasião favorável para retomar a ofensiva, que não demoraria a apresentar-se.

O vice-rei, continuando a iludir-se, julgou-se bastante forte para entregar à justiça alguns dos chefes da insurreição.

A reacção manifestou-se logo.

Tudo mudou de aspecto apenas se soube que os presos tinham sido sentenciados à pena última, e que se dispunham a conduzi-los ao cadafalso.

O povo, pegando em armas, espalhou-se pelas ruas, assaltou a prisão onde os condenados jaziam, libertou-os e levou-os em triunfo.

O palácio do vice-rei foi invadido, apoderaram-se da sua pessoa, infligiram-lhe os maiores ultrages, tudo levando a crêr o trágico fim do audacioso potentado.

Felizmente para êle, valendo-se da sua astúcia, o vice-rei conseguiu iludir a vigilância dos revoltosos que constituem a sua guarda, e, com a ajuda dum disfarce, empreende a fuga, saíndo da cidade.

Os síndicos retomaram o govêrno da cidade em nome do povo, e, desde logo, começou uma terrível perseguição contra tôdas as pessoas que se haviam mostrado favoráveis à causa real. As casas eram saqueadas e incendiadas, e o ódio foi tão feroz que trucidou, sem distinção, homens, mulheres, crianças e velhos.

Ao crepitar das chamas misturavam-se os lamentos das vítimas, e as ruas apareciam salpicadas de sangue.

Grande número de realistas correram a refugiar-se nas igrejas, onde os padres, em hábitos sacerdotais e com o Santissímo Sacramento exposto, esperavam que, deste modo, os assassinos se deteriam em presença do divino redentor dos homens.

De nada lhes valeu... As portas das igrejas fôram arrombadas, os padres foram os primeiros a sucumbir aos golpes dessa horda de malvados impelidos por uma horrível demência, o Santíssimo Sacramento foi lançado ao chão e caicado aos pés, e todos os realistas apunhalados.

O assalto ao palácio do vice-rei de Valência

NA ESPANHA DO SÉCULO XVI

A HERÓICA DEFESA DO ALCAZAR DE TOLEDO

Como a viuva de Juan Padilla vingou a morte de seu marido

Ao saber o que se passava em Valencia, Padilla, indignado, declarou altamente que jàmais consentia em olhar como auxiliares da causa que êle abraçara, homens que assim cobardemente se manchavam de sangue.

E, como não desistia da pretensão de governar sob o título de capitão-general do Reino, em nome da raínha Joana, partiu à testa dum corpo de tropas, anunciando a sua intenção de ir castigar os culpados.

Mas, atacado no caminho por enormes forças reais, foi derrotado e feito prisioneiro assim como dois dos seus primeiros oficiais, e tôdos três fôram entregues a uma comissão militar para serem julgados.

— Sei o que vai suceder — disse Padilla aos seus julgadores — pretendo tentar qualquer meio para fugir à sorte que me está reservada. Mas, antes de dizer-vos, já agora, que a diferença entre as vossas opiniões e as minhas é muito maior do que até aqui tendes pensado. Se o rei Carlos estivesse entre nós, se não sacrificasse, como fez, a Espanha ao império, seria eu o seu mais fiel servidor. Ninguêm me poderá acusar com justiça de ter querido aviltar a autoridade real. Tanto eu como os meus partidários queremos o rei, e não é culpa nossa que o rei não queira a Espanha.

Estas palavras cheias de nobreza e dignidade nenhuma impressão causaram nesses julgadores parciais e ignorantes que ainda se encontravam cobertos de poeira do combate que lhes fizera caír nas mãos indignas tão altivo e temido justador.

Padilla e os seus dois companheiros fôram condenados à decapitação, sendo a sentença executada imediatamente, não fôsse surgir algum indulto impertinente.

Todos os três mostraram a mesma firmeza na subida ao cadafalso, e souberam morrer como soldados.

A nova dêste acontecimento produziu em Toledo a mais viva emoção. Todo o partido popular correu ás armas. Dona Maria Pacheco, viuva de Padilla, mulher animosa e resoluta, fez o solene juramento de vingar seu marido e colocou-se à frente das comunas.

Entretanto, os realistas, aproveitando-se da derrota de Padilla, tentaram repôr a cidade sob a autoridade real. O marquês de Villena, que comandava o exército realista, encontrava-se então ás portas de Toledo que os seus partidários lhe abriram durante a noite.

Longe de esmorecer ante êste revés, Dona Maria, juntou as suas tropas, e arremessou-se com furor sôbre o inimigo, derribando-o e esmagando os primeiros batalhões que ousaram enfrentá-la. Tomou o Alcazar e passou o resto da noite a animar a sua gente, preparando-a para o terrível ataque contra os realistas.

Ao amanhecer, Dona Maria, que não tivera um instante de repouso, saíu da fortaleza à frente das suas tropas, e, depois de ter dado instruções a todos os oficiais, penetrou na cidade.

Os realistas, embora se encontrassem em guarda, estavam ainda mal refeitos do combate da véspera, e até desmoralizados pelas perdas sofridas. Não opunham, portanto, uma grande resistencia.

Pelo contrário, Dona Maria fizera com que todos os seus soldados partilhassem do seu entusiasmo e da sêde de vingança que lhe abrasava a alma.

O primeiro choque foi terrível. Em poucos instantos, as ruas ficaram juncadas de inúmeros realistas. Não havia quartel: a ninguêm — ferido que caísse, soldado que se rendesse, eram irremissivelmente trucidados.

Batidos em todos os pontos, os realistas evacuaram a cidade, enquanto os populares festejavam o seu triunfo, levando à sua frente a sua generala Dona Maria que conservava ainda na mão a sua espada coberta de sangue até aos copos.

Pouco depois, Toledo foi bloqueada por muitas divisões do exército realista. Por sua vez, os populares, animados pelo carácter leonino de Dona Maria Pacheco, defendiam-se com intrepidez heróica.

Privados de víveres, de munições, e de socorros de qualquer espécie, precipitaram-se no campo dos assaltantes com o verdadeiro furor do desespero. Mas, tendo perdido nesta sortida cêrca de setecentos homens, desanimaram, e decidiram capitular.

Dona Maria, não se opôs. Tendo reünido as suas tropas, passou em frente da bandeira com o cavalo a passo, e disse com voz firme e sincera que fez vibrar todos os corações generosos:

— Amigos, reconheço o mal que vos aflige, porque também o partilho. Não vos censuro por procurardes o descanso. Tratai, pois, com o inimigo, como melhor vos aprouver. Quanto a mim, jurei não caír viva nas mãos dos assassinos do meu sempre chorado marido. Saberei cumprir o meu juramento... Quêm ainda quiser ser por mim que me siga!

E, voltando a rédea ao cavalo, dirigiu-se para o Alcazar, seguida por seiscentos homens.

Os outros capitularam, aproveitando a amnistia que Carlos V acabava de conceder a todos os revoltosos que se submetessem num certo praso.

A corajosa viuva de Padilla sustentou durante três meses o cêrco que lhe fizeram à fortaleza em que se acolhera. Durante êsse tempo causou perdas mortais aos realistas, pois não passava um dia sem fazer uma sortida à frente dos seus bravos, tingindo sempre a sua espada no sangue dos assassinos de seu marido.

A sua sêde de vingança era cada vez mais devoradora.

Mas, num dos últimos combates que sustentou, a famosa heroína deu provas de que não era insensível à clemência. Um jóvem oficial realista, depois de se ter batido com valentia, veio caír aos pés de Dona Maria, implorando piedade. Dois soldados, seguindo o uso, correram sôbre êle para o golpe de misecórdia.

— Para traz! — gritou ela aos soldados — êste homem é meu prisioneiro... Ai! daquele que lhe tocar!

O ferido foi transportado para a fortaleza, não tendo sido poupados os cuidados necessários para o seu pronto restabelecimento. Entrado que foi na convalescença, Dona Maria ordenou que trouxessem o prisioneiro à sua presença. Depois de o interrogar, procurou determiná-lo a tomar o seu partido, mas tudo foi em vão.

— A minha vida e a minha liberdade estão em vossas mãos — disse êle — Considero-as perdidas, mas não as lamento. A honra felizmente está salva, e essa não a perderei.

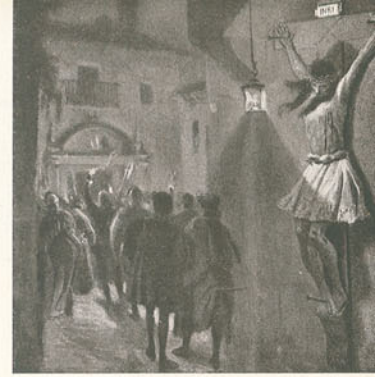
— Ainda bem — declarou Dona Maria — que existem nobres corações entre os inimigos do povo... Sois livre, cavaleiro! Adeus!... Nunca mais nos tornaremos a ver, a não ser no campo da batalha.

E ordenou que conduzissem o cavaleiro aos postos avançados dos sitiantes.

Alguns dias depois, êste acto de generosidade salvou-lhe a vida.

Dona Maria perdera mais de dois têrços dos seus soldados durante os três meses de sítio. A fome aniquilaria infalivelmente o resto.

A corajosa amazona mostrou-se então disposta a capitular, esforçando-se por conseguir, para os valentes que a cercavam, as melhores condições possíveis, sem nada estipular para si.



Juan de Padilla toma a cidade de Valência

Na véspera do dia em que as tropas do rei deviam tomar posse do Alcazar, Dona Maria e um filhinho seu, disfarçados ambos em camponezes da Extremadura, saíram da fortaleza durante a noite.

Mas, apenas avançaram algumas centenas de passos no acampamento, foram esbarrar com um destacamento de tropas reais.

Surgiram as inevitáveis preguntas. Dona Maria apertava a mão do filho, a-fim-de lhe fazer compreender que era necessário calar-se, pois que o grande perigo estava ali.

De repente, brilhou o clarão dum archote. O soldado que o acendera, levou-o ao oficial que comandava o destacamento, e Dona Maria reconheceu o altivo cavaleiro a quem, dias antes, concedera a liberdade. Este reconheceu-a também.

Os corações generosos adivinham-se. Dona Maria Pacheco seguiu sem hesitar o seu reconhecido libertador que só a deixou ao nascer do sol, após uma caminhada que a pôs fora de tôdas as perseguições.

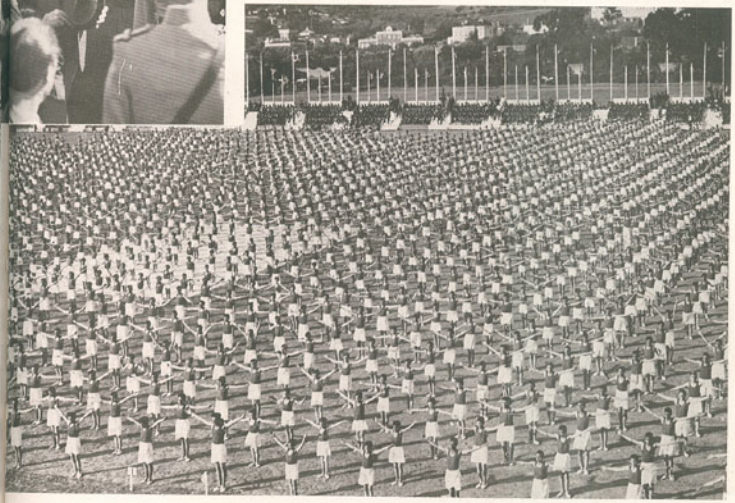
E assim conseguiu a famosa heroïna atingir a fronteira de Portugal.

A execução de Juan Padilla e os seus companheiros

AS COMEMORAÇÕES DO 28 DE MAIO

Nestas duas páginas focam-se algumas das solenidades que comemoraram a data festiva do 28 de Maio que marcou uma era de Paz, Prosperidade e Ordem para o País. — *Em cima:* O Chefe do Estado presidindo à sessão realizada na Sociedade de Geografia, vendo-se na assistência os professores primários agraciados. — Um aspecto da parada dos Legionários no Pôrto. — *Em baixo:* Os Legionários, reunidos no Terreiro do Paço, ouvem a «Ordem para o Ano XIV» ditada pelo Chefe do Govêrno, e que terminou por estas palavras: «Assim servirein — na guerra ou na paz: na guerra que nos seja imposta para garantir a liberdade da terra que lavramos ou a continuidade da revolução que servimos; na paz que ardentemente desejamos, pois temos necessidade de continuar trabalhando pela elevação e prosperidade material do povo, e acima de tudo proclamamos a fé num património espiritual que a violência brutalmente devastaria. Eis o que espera tranquilamente de vós, Legionários, a Revolução Nacional»

Em cima: Os membros do Govêrno fazem a saüdação nacionalista numa tribuna erguida no Terreiro do Paço. — *Ao centro:* O sr. Dr. Oliveira Salazar, aclamado pela multidão, ao chegar ao campo do Jockey Club, onde a «Mocidade Portuguesa» ia realizar exercícios de ginástica. — O sr. Presidente do Conselho passando revista à guarda de honra no Terreiro do Paço. — *Em baixo:* Um imponente aspecto da exibição de ginástica dos filiados da «Mocidade Portuguesa» no campo do Jockey Club. Verificou-se que nessas entusiásticas manifestações, a Nação mostrou mais uma vez, de maneira impressionante e categórica que reconhece e aplaude de tôda a sua alma a obra de ressurgimento feita pelo egrégio estadista Dr. Oliveira Salazar. Êle próprio deu a grande lição destas palavras: «Não podemos permitir-nos o luxo de deixar reinar de novo entre nós a divisão e a discordia e de permitir às lutas partidárias o fraccionamento da unidade moral da Nação». Este lema bastaria para acabar com dissenções — se existissem.



Cada visitante da Exposição Mundial de Nova York pode pesar-se por meio da electricidade

Na Exposição Mundial da cidade de Nova York

Maravilhas de hoje, milagres do futuro

UMA exposição universal como a Exposição Mundial de Nova York reflecte a vida humana e a civilização de todo o mundo... no passado, no presente e no futuro coalhado de esperanças. Bem poderíamos chamar microcosmo a êste certame, se êle não fôsse tão gigantesco que só ao cabo de muitos dias se consegue percorrê-lo.

Tôdas as nações civilizadas exibem ali os seus produtos, demonstram a sua cultura, as suas ideias, os seus ideais, o seu sistema de vida e a sua contribuição para o bem estar da Humanidade. Os produtos e as normas de cada nação são diferentes aos das outras. Cada uma tem o seu próprio passado e tradição, a sua própria vida individual, bem como as suas próprias ideias sôbre o futuro e sôbre o seu desenvolvimento espiritual e material.

Desta maneira, temos de nos conformarmos com receber apenas uma impressão superficial do Mundo de hoje, e, especialmente, do maravilhoso "Mundo do Futuro" — que é a ideia dominante e o tema desta Exposição, a mais grandiosa de todos os tempos.

Felizmente entre as centenas de edifícios há alguns que albergam exibições que, ainda seguindo uma ideia e um objectivo principal, representam individualmente a vida moderna e a sua projecção no futuro que é o fim fundamental da Exposição. Como se compreende, uma grande corporação, com um programa industrial amplo e compreensivo, está em posição melhor para mostrar todo um mundo num espaço limitado. Assim, o edifício Westinghouse, a-pesar-do seu grande tamanho, poderia ser considerado como um Universo numa gôta de àgua.

E, tomando literalmente a expressão, esta exibição portentosa não omite a gôta de àgua. Numa gôta de água reflectem-se todos os aspectos da vida humana. Numa gôta de água, o antigo e perenemente novo drama do nascimento, o movimento, a fome, a guerra, o amor e a morte desenvolvem-se a cada momento, e os actores são organismos microscópicos. Não existe melhor representação da vida que o que sucede numa gôta de água... nem poderia haver melhor e mais simbólica introdução para êste certame que abrange quási todos os caminhos da civilização. Como se calcula seria impossível que os milhões de visitantes observassem a vida dos micro-organismos através do microscópico. A ciência moderna criou o "Microviveiro" que, num circo de doze redondeis e doze *écrans* de 152 cm., projecta por doze micro-projectores, e em colorido, a vida e a morte dos habitantes duma gôta de água, os seus instintos criminosos e as suas surpreendentes manifestações de inteligência.

A gota de água com os seus micróbios projectada no «écran»

Desgraçadamente, alguns dêstes micróbios, aumentados 2 mil vezes, ao tamanho de cães, são os mais terríveis inimigos do homem, a-pesar-da sua pequenez. O que vale é o esfôrço da ciência que, há largos anos os vem combatendo, promovendo assim o saneamento.

O «Microviveiro» permite demonstrar uma destas poderosas armas — a «Sterilamp», ou lâmpada esterilizadora, recentemente inventada. Ao projectar os seus raios mortais sôbre os inimigos do homem que se encontram numa gôta de água, podemos apreciar a vida que se acaba, a bacteria que se desintegra.

Desta maneira, a ciência vai vencendo, dia a dia, os diminutos, mas poderosos inimigos do homem que, não só se encontram sempre nas gôtas de água, como nas partículas mínimas do pó. A dona da casa, com o pano e o aspirador de pó, toma parte nessa luta contra a invisível praga que esparge epidemias e enfermidades. Pelas exibições feitas, pôde fazer-se uma ideia de como se fará a limpeza no futuro, com o auxílio de "Precipitron" — o precipitador electro-magnético de pó.

Olhando pela janela de uma casa modêlo, vêem-se o pavimento, os móveis, os tapêtes e as cortinas, tudo coberto de poeira. Comprime-se um botão, e o «Precipitron» começa a limpar tôda a casa, desaparecendo como por encanto o pó do soalho, dos móveis e das cortinas, e purificando-se o ar.

Em resumo, esta exibição constitue a realização dum dos mais gratos sonhos da mulher: por meio da electricidade livra-se dos trabalhos penosos, podendo dizer-se que, no futuro, limitará a sua lida doméstica a comprimir botões eléctricos. Em várias salas encontram-se utensílios domésticos ultra-modernos, cozinha modêlo, lavandarias que mostram às donas de casa de tôdas as partes do mundo que o tempo delas é precioso e que as suas horas vagas estão em proporção directa com a perfeição dos seus utensílios para a casa e para a cozinha.

Esta ideia vinca-se mais, contemplando uma pêndula eléctrica que oscila no «Hall da Vida Eléctrica», com êste lema: "A Electricidade poupa tempo". Ali se encontra colocado uma enorme ampulheta, que se inverte automàticamente ao passar a areia de uma parte para a outra.

Calcule-se as vezes que esta ampulheta se inverterá até que os nossos descendentes daqui a 5 mil anos desenterrem a "Cápsula do Futuro" que desceu ao "Poço Imortal", quinze metros abaixo do edifício. Esta "Cápsula", como dissémos num dos últimos números da «Ilustração», contém uma infinidade de objectos da nossa vida diária, e centos de livros e jornais micro-fotografados em películas cinematográficas. Êste legado ao verdadeiro "Mundo do Futuro" é uma representação em miniatura da nossa civilização, bem como o edifício em forma de ferradura que rodeia o sitio onde a Cápsula se encontra enterrada, e que é uma amostra da referida civilização em tamanho natural.

É possível que os homens de ciência do ano de 6939, abrindo a "Cápsula", a fim de se inteirar do que realizaram os seus antepassados de há 5 mil anos, encontrem pueris e até divertidas muitas das nossas conquistas científicas e industriais, e alguns dos sonhos da nossa época. E é possível que êles tenham realizado já muitos dos sonhos indicados vagamente nas exibições do edifício em forma de ferradura que lhes legamos.

Chegará a ser o autómato eléctrico o homem mecânico, tão comum nêsse remoto futuro como o são, hoje em dia, o telefone ou a rádio? Far-se-à uma ideia do que será o autómato. "Elektro — o "homem-motor", de mais de dois metros de altura, e provàvelmente o autómato mais inteligente construído até agora. Daqui a 5 mil anos talvez seja considerado um pobre inválido ao lado do homem mecânico de então. Animado por um cérebre e músculos de motores, engrenagens, arames e células foto-eléctricas, "Elektro" é capaz de andar para diante e para trás, levantar os braços, contar pelos dedos, cantar, falar, gesticular, fumar e reconhecer e classificar cheiros e côres... Um verdadeiro triunfo da engenharia eléctrica moderna.

Possivelmente, nêsse futuro longínquo, a arquitectura terá trocado os singelos estilos de hoje pelas formas futurísticas que caracterizam tantos dos edifícios da Exposição Mundial... ou talvez assemelhe à majestosa sinfonia de aço, luzes, côres, água, fumo, fogos artificiais e música da enorme "Tôrre Musical de Luz", de 37 metros de altura, que se ergue em frente do edifício Westinghouse como um imponente ponto de exclamação. Há muitas outras referências ao futuro, que se vislumbram dos desenvolvimentos técnicos de hoje.

O visitante pode ver a "forma" da sua voz, tocar sinfonias com luz numa marimba eléctrica, converter a luz e o calor directamente em electricidade, pode medir a voltagem eléctrica que corre pelas suas mãos ao colocá-las sôbre os discos duma máquina de ajuste muito delicado, e pode ainda pesar-se por meio da electricidade.

No entanto, estas vistas do futuro representam apenas uma pequena parte das actividades científicas e de engenharia neste palácio de aço e de cristal.

As invenções e as descobertas do dia dominam a cena, pondo por vezes, em contraste com os seus menos perfeitos antecedentes. O contraste da vida da mulher antes e depois do uso da electricidade está sobejamente ilustrado.

Compara-se a iluminação moderna com a velha lampada de azeite; as cozinhas eléctricas com os antigos fogões de lenha, os frigoríficos eléctricos com o velho sistema de conservar os alimentos. Foram construídas duas fazendas modelos, uma antiquada e outra completamente electrificada.

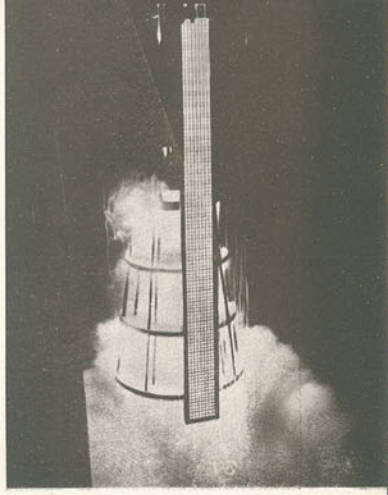
O moderno não foi esquecido, e o visitante interessado na sua técnica pode familiarizar-se com as suas dificuldades, sentando-se no lugar do guarda-freio de um carro eléctrico moderno.

Diante dêle encontrará um completo mecanismo de govêrno que faz funcionar os motores exactamente como se o carro estivesse em marcha. Pode fazê-lo avançar, retroceder, aplicar os travões de ar e, simultaneamente, um pequeno carro na parede procederá de acôrdo.

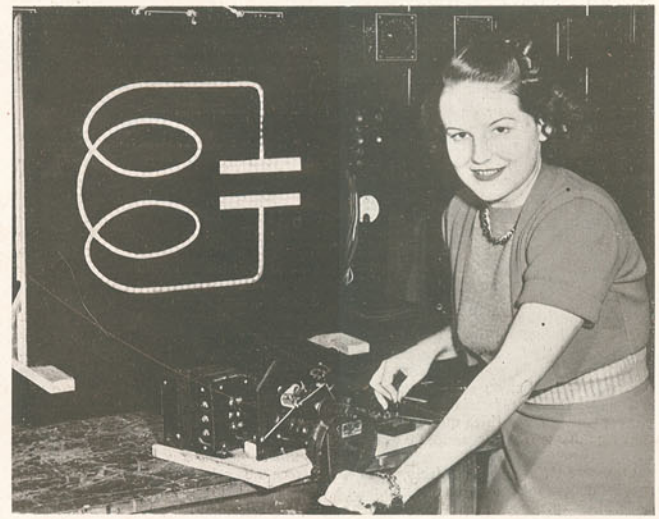
Esta prática pessoal, que inclue os mecanismos mais complicados da engenharia moderna, é o que mais atrai nesta interessante exibição. Os visitantes podem dedicar-se a experimentar, no amplo espaço ocupado pelo Recinto da Ciência, manejando grande número de aparelhos. Podem vêr-se também em acção os engenheiros e homens da ciência do futuro, ou sejam os jovens de ambos os sexos do Club de Ciências e Engenharia do Instituto Americano. Estes jovens, que regulam por dezasseis anos, representam um novo movimento nacional. Na sua precocidade juvenil tratam de viver a vida emocionante do homem de ciência, e, enquanto os adultos os observam, êles desenvolvem complexas experiências na sua "Vitrina Laboratório".

Estes jovens serão os criadores do "Mundo do Futuro".

ANDRÉ LION



A Tôrre Musical de Luz, de 37 metros de altura, verdadeira sinfonia de luz, côr, água, fumo e música



Jóvem de dezasseis anos fazendo experiências na Vitrina Laboratório do Mundo do Futuro

NA RONDA DAS LETRAS

A ESTREIA DE UM POETA

João Campos

João Campos — eis um nome totalmente desconhecido, até há pouco tempo, daquêles que á safra das letras hipotecaram seus destinos. Repentinamente, porém, como uma fôrça que houvesse deliberado só agora fazer sentir-se, João Campos acaba de afirmar-se, com a publicação do seu livro de poemas, *Mar vivo*, nas sempre belas e originais edições Presença, como uma das mais pessoais personalidades literárias do nosso tempo. E' bem certo que cada artista guarda consigo o seu segredo, o seu mistério, o seu anseio, e os acasula no seu sangue e na sua inteligência durante uma metamorfose inteira, no propósito de os limar, os premunir de alheias infiltrações, os adaptar inteiramente á indole pessoalíssima da mensagem que os gerou. João Campos não fugiu á regra geral e, em presença de todas as angústias experimentadas e de todas as esperanças sentidas, a voz misteriosa da sua sensibilidade foi ganhando tom e forma, devagar, lentamente, como que na antecipada certeza da sua futura originalidade. Essa voz, inicialmente impessoal, acabou por recolher em si a harmonia de todas as côres, a intimidade de todos os sons, as apreensões de todas as angústias e as reivindicações de todas as adolescências; pelo menos, os *outros poemas* do *Mar vivo* assim no-lo insinuam eloqüentemente. Quere dizer, durante a metamorfose a que acima aludi, ou seja, enquanto o barro vivo da sua inspiração lírica se não afeiçoou à forma e ao caracter de uma voz pessoal nascida para um só diapasão, João Campos foi um poeta sem problemas: isto é, um artista sem personalidade. Por isso, numa honesta e inteligente reserva, só o poeta João Campos a si próprio se confiou, sem nada revelar de si aos outros; a sua estreia, ou seja, a sua apresentação na ribalta, ficaria para um dia, para quando a voz lírica que em si medrava ganhasse o *tonus* pessoal e definitivo.

Ora, este *Mar vivo* é, de facto, a afirmação de uma bem original personalidade, ainda que, por dever crítico, se deva dizer que os temas utilizados ficaram, em certas páginas do seu livro, muito aquém do ponto até onde poderia ter chegado João Campos: tal é o caso, por exemplo, do próprio mar, cantado em cinco poemas, através de sinteses literárias e em função de *comentários* episódicos e arbitrários. Mas, honestamente, foi o poeta o primeiro a reconhecê-lo:

«Por isso a minha pátria é o mar
e tudo o que ficou dito neste poema
e tudo o que não sei dizer *mas que me canta no [sangue*
e me impele, cada vez mais, para junto dos cais,
como o vento arrasta os barcos para o largo
entoando, nas suas velas triangulares,
o mundo da sua milenária ânsia de espaço...»

Efectivamente, o *Mar vivo* de João Campos é um tema metafísico, embora sem transcendência, de quem necessitou dêle para narrar, numa linguagem pessoal e eloqüente, as particularidades singulares de uma personalidade livre e autónoma. O mar de João Campos é um *pretexto* para que o Poeta se nos revele, tal qual é: com os seus problemas humanos, a sua sensibilidade de essência verlainiana e os seus gestos de dominador de hipóteses, O *Cântico para uma manhã de partida*, lido com atenção, ajudará quemquer a compreender a referida circunstância. O pormenor natural, a própria aguarela marinha, nada interessam ao Poeta; o que o aflige, o impressiona e o cativa, é o valor metafísico das imagens possibilitadas pelo mar:

«O mar é tôda aquela ânsia de sentir tôdas as por- [tas abertas,
todo um mundo de espaço alegre por receber o ho- [mem
e para o passear no delírio de tôdas as loucuras,
no ritmo de tôdas as músicas, no golpear de todos [os sonhos falhados!»

E mais adeante

«¿ Que me importa que o mar seja um baloiço,
se, em tôda a parte, a morte é tão eterna como o [homem?»

Êsse mar não é, portanto, uma realidade oceânica: é um convite metafisico para o Poeta se propôr incursões dentro do seu próprio território humano. O que nós vemos e sentimos, no seu livro, não é o mar, com o seu gôsto a sal, os seus murmulhos dolorosos, as suas falésias loiras e rôxas, e aquêle cheiro forte a marezia: é, antes, a païsagem moral e intelectual do artista, quando, em face dos seus problemas, se propõe rasgar o véu de todos os mistérios que o afastam dos seus semelhantes. Já alguem frizou a possivel influência da *Ode maritima* de Fernando Pessôa, nos poemas de *Mar vivo*. Parece-me deslocada e despropositada tal egulação. João Campos não é um Poeta cuja linhagem lírica possa filiar-se na árvore genealógica da de Álvaro de Campos ou da de Alberto Caeiro; pelo contrário, é um Poeta totalmente diferente, tanto pela técnica, como pelo espíríto, do genial criador dos *Poemas do guardador de rebanhos*. Entre a *Ode Maritima* e o *Mar Vivo* (quero referir-me aos cinco primeiros poemas do livro) não há nenhum ponto de contacto senão o do tema e o da liberdade de ambos os Poetas perante êle; no poema de Fernando Pessôa, logrou-se sobretudo um documentário, quási uma reportagem dos sucessos pitorescos e humanos relatados; em João Campos, pelo contrário, o tema objectivo sòmente provocou *reacção* instintiva, de pessôa que não tem qualquer *experiência* do mar; com efeito, o mar é, em João Campos, tudo mesnos uma realidade natural.

Influências, sim, há-as, não obstante o vigor pessoal da linguagem de *Mar vivo*. Lendo os seus poemas, qualquer pode observar nêles a acção de Alberto de Serpa, de Manuel Bandeira, mesmo a de António Botto e a de Casais Monteiro; essas influências, porém, são, ao cabo, mais da responsabilidade do leitor que do autor pois o que no livro avulta é, sobretudo, o gráfico humano nêle desenhado pelas ansiedades do Poeta. Sob este aspecto, *Mar vivo* é, todo êle, um bem *vivo* documento — quer do Poeta, a sós consigo e os seus problemas, quer dos seus dons literários singularmente ricos e opulentos.

Em alguns poemas verifica-se sem custo como João Campos, atraído pela sedução de qualquer fraze feliz, se desviou da rota inicial; daí parecerem muitos poemas do *Mar vivo* verdadeiras encruzilhadas líricas. Um poema dentre todos se distingue, sob este e outros aspectos: o intitulado *Humanidade*. Nêle se guarda, em gérmem, todo o destino lírico, dramático e literário, de João Campos: ou seja, a sua permanente pesquisa metafísica, o seu apêlo quási religioso, o seu feitio social e comunicativo, a fisionomia dialetica da sua incessante interrogação humana. Outros livros nos provarão, certamente, ser essa a sua verdadeira missão poética, aquela em que maiores êxitos virá a obter. O resto, ou seja tudo o que, em *Mar vivo*, é méro documento de uma sensibilidade exasperada, manter-se-há na obra futura do Poeta apenas como *higiene*, como *clima*, como *atmosfera*. Não se trata, em boa verdade, de uma profecia; trata-se, sim, de uma conclusão crítica justificada pelo que ressalta, de bem pessoal, das qualidades, das insuficiências e das tendências matrizes manifestadas primorosamente em *Mar vivo*.

Lisboa, 22 de Maio de 1939.

MANUEL ANSELMO

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

A fé que arrebata as almas patenteia-se em tôda a sua grandeza na peregrinação a Fátima. A gravura acima mostra o sr. bispo de Leiria pronunciando o seu eloqüente discurso. Foi ministrada a comunhão a mais de dez mil pessoas

Fialho de Almeida

VIAGENS NA NOSSA TERRA

DE LISBOA À VILA DE SERPA

A travessia do Tejo, para quem a tenha feito mesmo mil vezes, é sempre de encanto, com o panorâma de Lisbôa sempre á vista.

Mas descrevê-la carece repouso, e eu hoje sigo viagem. No alvoröço da partida para longes terras, mal se desenham a meus olhos, na vastidão da Cidade, sôbre o casario imenso, que se aperta para chegar á margem do rio, as tôrres das igrejas, uma ou outra fachada dos palácios e a fieira dos armazens rente ás águas.

As azas soltas dos pequenos veleiros, singrando á brisa ligeira, impressionam-me mais do que os grandes navios a descarga, os poderosos barcos de guerra ameaçando com os seus canhões, ou os colossos transatlânticos, parados á beira das muralhas...

Abalo do *Barreiro*, no comboio rápido da manhã.

Perto o *Lavradio*, tão célebre pelos seus vinhos. Macissos de eucaliptos e de pinheiros mansos; pequenos olivêdos e minúsculos pomares, a que não falta a laranjeira, para caracterisar o clima.

Alhos Vedros. — No terreno arenoso vicejam trigais. O sobreiro e o pinheiro alternam; aqui e além olmeiros.

A' direita distingue-se a silhueta da Arrábida e de Palmela; adivinha-se pela suavidade do ar o Tejo, que corre á esquerda.

Moita. — Casais dispersos entre vinhas. Solo muito dividido, cultura quási horticola. Searas, batatais, favais. Entre as árvores de fruto, predominando, a figueira. E olaias floridas!

Depois um trecho silvicola, e chegamos a *Pinhal Novo*, entroncamento das linhas do Sul e Sueste e do ramal de Setubal. A estação dá para um grande largo, onde se ergue um busto em bronze sôbre um plinto de mármore. Suspeito que seja de José Maria dos Santos, pois aqui, por 1892, começou a plantar, beneméritamente, na árida charneca do Sul do Tejo, a maior vinha do mundo.

Grandes olivais e sobreirais a avisinham, em regulares alinhamentos.

A' direita pinhais cerrados, a que sucedem culturas arvenses e sobreirais. Tremoçais esmaltam de oiro o solo, sob as ramarias decotadas do arvoredo. E que recessos admiraveis de pinho manso, com as suas copas airosas!

De novo, casais; á volta retalhos de vinha, e, com sebes de marmeleiro, pequenos pomares, hortas e pastios.

Já passamos *Valdera* e *Poceirão*, ladeando a grande propriedade, o plantio célebre de ha meio século. Na estação da *Fonte*, montões de fachina. As urzes e as estêvas denunciam a antiga charneca desolada, que o pinhal invade entre *Pégões* e *Bombel*...

Vai-se ondulando o terreno, e em breve a sua cobertura é mais rica, transitando-se dos pinhais aos montados e aos olivais; valados de piteira, estabelecem cercados de cultura.

Chega-se a *Vendas Novas*, onde vem entroncar o ramal do Setil. Antenas da T. S. F. localisam, próximo, a Escola de Tiro de Artilharia de Campanha.

A linha férrea, que se dirige para sueste, segue quási na divisória das aguas do Almansor, afluente do Tejo, e do Marateca, afluente do Sado.

Terminam os terrenos pliocénicos e quaternários, que vinham desde o Barreiro, cortados sómente por pequenos braços de humildes afluentes do Tejo, que vão desaguar a Montijo e Alcochete.

Passada a estação de Cabrela, fixamos as primeiras *casas de monte* do Alentejo — casas térreas, todas caiadas a branco.

E já a azinheira, carregada agora do oiro baço da floração, que faz vergar os seus ramos, disputa ao sobreiro o domínio do solo enriquecido.

Os cabanais de junco por aqui espalhados anunciam vida pastoril?

Em *Torre de Gadanha* um comboiozinho do pequeno ramal de Montemor-o-Novo espera a hora da partida...

Transpômos uma ribeira.

Acidenta-se a planura cada vez mais; á esquerda ergue-se uma série de oiteiros, que, pelo seu boleado, denunciam a sua constituição schistosa.

A linha avança entre contrafortes da Serra de Monfurado; todos êles são cobertos de sobreiral e azinhal, constituindo um vasto trecho de floresta.

Em *Escoural* depósitos de carvão de pedra, que vêm das minas de Santa Suzana, a bastante distância.

No sopé dos montes, povoados alvejam. Um moinho de vento braceja. E a baixa, tôda verdejante, estende-se para poente. Muito ao longe, por sôbre elevações menores, esfuma-se o perfil duma serrania.

Em *Casa Branca* estronca a linha férrea de Évora-Extremoz-Vila-Viçosa.

Pouco depois, a ponte sôbre a ribeira de Alcáçovas. A vila fica, á direita, a 4 quilómetros. Continuam os oiteiros, ligando-se; parece que vão cortar-nos a passagem... Mas não; a linha insinua-se, aproveitando as acidentações do terreno.

Reentramos na grande planura. O arvoredo rareia. Afloraçöes graniticas, aqui e além, na campina adusta, onde rebanhos vagueiam.

Atravessamos o Xarrama, afluente do Sado, agora — que acaba de chover uma semana inteira — farto de águas.

Ao chegar á estação de *Viana do Alentejo*, surpreende uma linda colina, á esquerda, tôda coberta de arvoredo e reverdejante de culturas, que se derramam pelas baixas como uma onda esmeraldina.

Vila Nova de Baronia, rodeiada de searas, de olivêdos, de pomares, onde a a laranjeira reaparece. E, á esquerda, a colina segue, dando-nos uma doce, repousante sensação de frescura. O arvoredo adensa-se, fortalecido pelo terreno diorítico, que começa. Para a direita a planície, sem uma ondulação, intérmina.

Pastam grandes rebanhos de ovelhas.

Alvito. A vila fica a três quilómetros da estação, em ponto elevado; é a primeira vez que na viagem se nos oferece uma povoação com aspectos de cenografia.

Atravessamos a ribeira de Odivelas. Um eucaliptal bebe abundantemente das suas águas.

A linda colina contínua ainda, semeada de casas de monte.

Na baixa, onde proseguimos, os campos enchem-se de toalhas multicôres de florescências. Um renque de choupos estremece: parece uma despedida sentimental da região arborisada, que finda.

A ponte sôbre o Guadiana em Serpa

É *Cuba* surge no plaino de marulhantes searas, com as suas ruas alinhadas, estreitas, com as suas casas baixas, que torres de igreja altaneiras parecem tornar mais humildes. E' um povoado de solidão, triste, melancólico — onde viveu, na última época da sua vida, Fialho de Almeida, o escritor de mais relêvo e colorido que tem tido Portugal. E esquece-se tudo, para só pensar na tortura do grande homem, aqui — embora tão perto da sua terra natal — verdadeiramente exilado... Que contraste entre o espírito do maravilhoso artista e êste incaracteristico acampamento de rurais, sem uma nota de pitorêsco, sem uma vibração de beleza!

Não se vê nem vinha, nem pomar; só um olival encontramos: imagina-se o que será o verão nêste descampado. E as páginas arquejantes dos *Ceifeiros* despertam na nossa memória, numa aflição...

Mas logo o olhar se prende, desopressivamente, aos longes calmos da Serra do Mendro, que se estende a nordeste.

Ao longo da linha há poços abertos numa pequena mancha de miocénico lacustre, que se incrusta entre o diorítico e o porfirítico, que vai prolongar-se até perto de Beja.

Deslisa um pequeno curso de água.

Á esquerda um contraforte, que se apróxima, alegra-se de casais.

Passamos *S. Matias*. Estão-se mondando os trigos: andam na faina homens e mulheres; os vestuários das raparigas são berrantes de côres, em que predomina o vermelho.

Farrapos de nuvens passeiam sombras ligeiras sôbre as seáras.

Uma palmeira balouça o seu penacho de largas fôlhas luzentes! E pequenos pomares de laranjeiras e tangerineiras cercam casais, rebrilhantes de caio.

E Beja aparece, imponente no seu oiteiro, à frente a sua torre de menagem, evocadora de tantas lutas — senhora e mandadora do solo feracissimo, que constitui o maior celeiro do Alentejo.

Deixaremos para mais tarde o visita-la. Ao contrário do que se diz, parece-me bem acolhedora.

A camioneta parte pela estrada de macadam, que vai descendo.

As grandes messes continuam, cortadas, uma ou outra vez, por vastos favais e leirões de grão de bico. Oliveiras, velhissimas quási tôdas, em grupos e dispersas.

Paramos em Baleirão, rodeado de pequenos hortejos, pegados ás habitações, onde se vêem, além das auranciáceas, amendoeiras, romanzeiras e nespereiras.

No vastidão notam-se algumas ondulações. Mas só ao longe a serra de Brinches delimita o horizonte.

As *casas de monte*, sempre alvejantes, falam-nos da rude energia do trabalho. Esta paisagem alentejana é de fundo austero, e só se deixa amar verdadeiramente por quem ela conheça intimamente; não se dá de braços abertos, sempre sorridente, ao primeiro que passe. Assim o que impressiona mais, à primeira vista, é a sua severidade fisionómica, a quási imobilidade do seu aspecto... Mas que traz no coração alvoroços de amorosa, em vagas de paixão profunda, que traz em seu seio estos genesiâcos de criação, que traz nos flancos anciedades maternais, — pode dizê-lo êste céo maravilhoso que a cobre, em iriações de luz assuncionante, que à própria charneca transfigura a monotonia em concentração orante da mística religiosidade!

Castelo de Alvito

Um córrego, todo cheio de aloendros, que matizam de côr de rosa os tufos densos de hervaçais, que o avisinham, é sobrevoado de milhafres, grazinando.

Freixos verde-limo marcam sinuosidades de valoides, onde a água gorgoleja.

De repente, rochedos abruptos surpreendem. E um grande córrego parece alargar-se em ribeira funda, e superfícies de laguna cintilam em toalhas de oiro... É o Guadiana!

A trincheira onde passa a estrada corta-se em penedia, e entramos na bela ponte metálica que atravessa o rio, e serve à viação ordinária e à viação acelerada.

Á direita, num oiteiro sobranceiro, arvoredos compõem um atraente cenário, onde a vista se delícia. E alcança-se a descida lenta da corrente, apertada sempre de escarpas no seu rude leito. A-pezar-de ter chovido há pouco, que minguada que vai!

Deixamos, à esquerda, a linha ferrea de Beja a Moura.

Começa aqui o concelho de Serpa.

O terreno continua docemente ondulado, como antes da travessia do Guadiana. Passemos o Enxoé. Um córrego — os córregos chamam-se aqui *barrancos* — sombreado por choupos e enfeitado de loendros. Perto, grandes nogueiras. Uma capela em ruínas, que é a terceira que encontrámos no caminho... Subimos.

De novo cresce o azinho, juntamente com a oliveira. De quando em quando, amendoeiras.

Valados de piteira circundam hortejos. Ovelhas pastam mansamente, junto das casas que bordam a estrada — moradias simples, em geral duma só porta e duas janelas, com trepadeiras engrinaldando a frontaria e uma larangeira ao lado.

Um momento a camioneta pára, para dar passagem a um grande rebanho.

Já vamos descendo.

Á esquerda uma outra capela. Logo, a Horta da Matela, festiva, rodeada de romanzeiras.

E, a uma volta da estrada, damos com a vila de Serpa, erguendo-se num cêrro, envolta de altas muralhas que os séculos denegriram.

E, encastoada na severidade sombria dos brutos lanços da fortaleza, a casa solar dos Ficalhos, seus antigos alcaides — embora em abandono, brilha como um fulgente diadêma na fronte vetusta do castelo medieval!

LOPES D'OLIVEIRA.

O solar dos Ficalhos, em Serpa, engastado na muralha que cerca toda a vila

Um condenado que se evadira da prisão, é recapturado e levado à presença do Juiz, que lhe pregunta:

— ¿Porque motivo se evadiu? Devia contar que voltaria a ser prêso.

— Queria ser livre para me casar, senhor juiz!

— Vejo que tem uma noção muito errada da sua.

No Liceu.

O aluno (para o professor): — Tenho a consciência de que não merecia o zero que V. Ex.ª me deu.

O professor: — Também estou disso convencido. Mas francamente, aqui para nós, que havia eu de fazer, se não há na tabela classificação mais baixa do que essa?

Mariazinha: — Mamã, pode ser-se castigado por uma coisa que se não fez?

A mamã: — Que ideia, filhinha! Era uma grande injustiça!

Mariazinha: — Ah, bem... É que eu não fiz o trabalho que me passaram no colégio!

A senhora vaidosa preguntara:

— Que idade me dá?

— Olhe. As suas côres dão-lhe dezoito anos. Os seus modos dezassete. As suas palavras, vinte.

— E então?

— Faça a soma.

Passeando um sujeito no seu jardim, encontrou o jardineiro a dormir debaixo de um caramanchão.

— Que fazes aqui, mariola? — lhe disse o amo — nem sequer mereces que o sol brilhe para ti.

— Por estar certo disso — respondeu o jardineiro — é que me deitei aqui á sombra.

Num restaurante:

— Rapaz! Repara bem nas extremidades desta salsicha.

— Estou a ver mas não noto nada.

— És um estúpido! Do contrário, terias já verificado que os dois extremos quási se tocam um no outro!

— Ó José dizia o patrão ao seu criado — amanhã hás de acordar-me cêdo, ouviste?

— Sim, senhor, meu amo, a que horas?

— A's 5 horas. Tenho de ir para o combóio.

— Então o patrão quando vir que são horas, dê um brado por mim que eu virei logo acordá-lo.

Um sujeito entra precipitadamente numa enfermaria de hospital e pregunta à primeira enfermeira que encontra:

— A senhora sabe-me dizer se para aqui entrou uma creatura que suponho ter sido atropelada há pouco na rua?

— Entrou, ha-de haver umas três horas, uma senhora que foi atropelada por um automóvel na rua, mas ainda não falou...

— Ah! Ainda não falou? Então não é a minha mulher!

E foi-se.

A mãe: — Está aqui um telegrama do nosso Alfredo dizendo que terminou a partida de *foot-ball* e que êle ficou com três costelas partidas.

O pai (com curiosidade): Quem ganhou?

A mãe: — Não diz.

O pai: — Aquele rapaz só pensa em si. Lá tenho de mandar a criada à rua para comprar o jornal da noite.

Um marido, na intenção de ser amavel para a espôsa:

— Vi-te onde nunca estivestes, onde nunca estarás e onde não podes estar!

— ¿Onde foi?

— No teu espelho, minha querida!

O sobrinho: — Aquele tostão que o tio me deu caiu-me por um buraco da algibeira.

O tio: — Bem, toma lá outro. Não deixes acontecer a mesma cousa.

O sobrinho: — Talvez uma moeda de dez tostões fosse mais seguro... Como o buraco é pequeno...

A senhora, para uma criada, vinda há pouco da província:

— Traga-me um copo de água.

A criada volta trazendo o copo na mão.

— Você não sabe trazer isso numa bandeja?!

A criada sai e daí a pedaço volta, de novo, trazendo a bandeja cheia de água.

— O' mulher, como quer que eu beba a água, vindo ela assim?!

A criada, ingenuamente:

— Eu também me admirei.

Um pobre diabo pára defronte da vitrine de uma casa de artigos de viagem.

— Quer comprar uma mala? pregunta-lhe o dono do estabelecimento.

— Para quê?

— Para guardar a sua roupa.

— Não. Isso seria bom se eu me dedicasse ao nudismo... Como não tenho outro fato.

— Não compreendo, minha senhora, qual o motivo da sua recusa em deixar que sua filha dê um passeio comigo, no meu automóvel. Acaso não tem confiança em mim?

— Ora essa o senhor merece-me tôda a confiança.

— ¿Não confia, então, em sua filha?

— Confio absolutamente.

— Não compreendo a recusa...

— Eu me explico: tenho inteira confiança nos dois, mas sòmente quando estão separados.

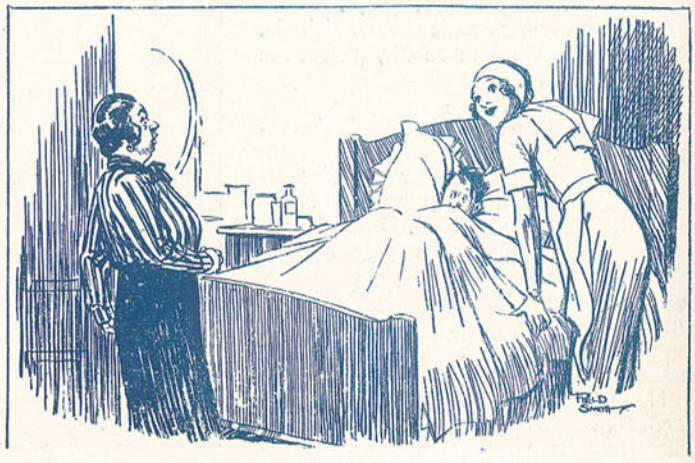
Dois bandidos assaltam uma casa e penetram no quarto de banho, onde encontram a locatária, jóvem e bonita, que acabava de saír da banheira e tapava a nudez com uma pequena toalha, segura por suas mãos trémulas.

— Sê gentil — diz um dêles para o companheiro. — Não lhe ordenes que erga as mãos ao ar!...

Um agente de seguros consegue, quási à hora de fechar o escritório, ser recebido por um importante homem de negócios que lhe diz de entrada:

— Note que lhe faço um grande favor em recebê-lo. Já hoje mandei expulsar sete agentes de seguros, como você, e que me pediram audiência.

— Sei isso, perfeitamente. Fui eu que sempre me apresentei disfarçado e com nomes diferentes...



A dona da casa: — *Então a menina atreve-se a beijar o meu marido?*
A enfermeira: — *Desculpe, minha senhora, mas o médico recomendou-me que fizesse tudo para levantar o moral ao doente...*

VIDA ELEGANTE

Lord Rothermere, director do «Daily Mail» (á direita) passeando no Parque do Estoril. A sua simpatia por estas esplêndidas paragens, manifesta-se na impressão que deixou escrita no livro dos visitantes: «A surpreendente beleza natural do Estoril, o seu Palacio Hotel e o seu lindo parque oferecem um confortavel repouso e proporcionam umas férias interessantes e reparadoras, honrando a verdadeira tradição da hospitalidade portuguesa»

Casamentos

Na igreja de Nossa Senhora de Fátima realizou-se o casamento da sr.ª D. Elzira Louro, gentilíssima filha da sr. D. Genoveva de Estanco Louro e do sr. Joaquim Pedro da Assunção, com o sr. João Vasco Aguas.

Serviram de padrinhos da noiva, a sr.ª D. Izilda Tenório Parreira de Sousa Carrusca e o sr. Dr. José de Sousa Carrusca, e do noivo a sr. D. Genoveva de Estanco Louro e o sr. Joaquim Pedro da Assunção.

Finda a ceremónia religiosa foi servido um fino lanche em casa do sr. Dr. José de Sousa Carrusca, seguindo depois os noivos para o Alentejo e Algarve, em viagem de nunpcias.

Aos noivos foram oferecidas ricas e lindas prendas.

— Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.ª D. Laura Reis Ferreira, interessante filha da sr. D. Laura de Abreu Reis, e do sr. Carlos Alberto Machado Ribeiro Ferreira, com o sr. D. José Madeira Rodrigues, filho da sr. D. Jacinta dos Prazeres Madeira Rodrigues e do sr. João Moron Rodrigues.

A cerimónia serviram de padrinhos dos noivos seus pais.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche no palacete dos pais da noiva, findo o qual os noivos partiram para Sintra, donde seguem para o estrangeiro.

Aos noivos foram oferecidas ricas e valiosas prendas.

— Na igreja do Santo Condestável, sendo celebrante o rev. Francisco Maria da Silva, que no fim do acto fez uma brilhante alocução, realizou-se o casamento da sr.ª D. Ofélia Maria dos Santos, com o sr. Alexandre de Faria Blanc, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Blanc Pereira da Costa e o sr. Luiz de Magalhães, e por parte do noivo, seus pais, sr.ª D. Alexandrina de Faria Blanc e o major sr. Faria Blanc.

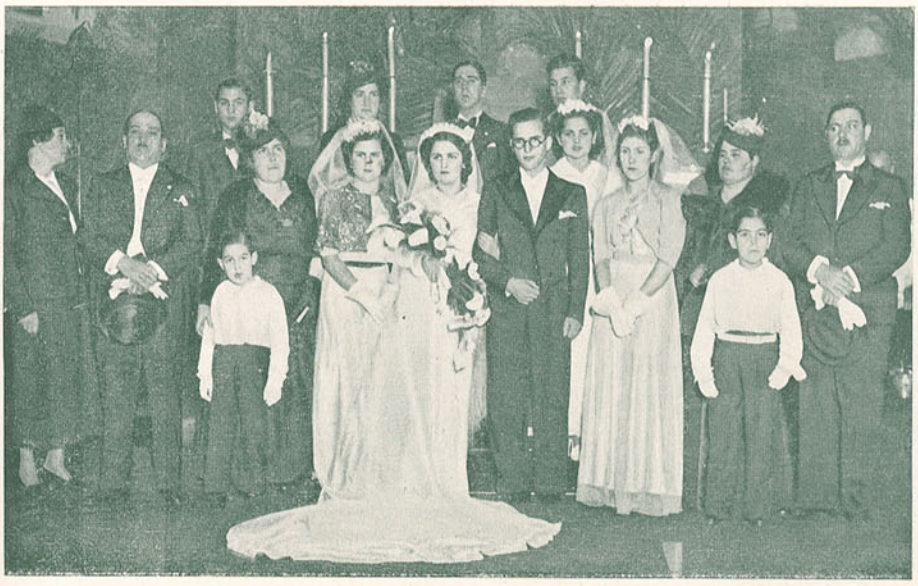
Depois da cerimónia religiosa teve lugar um fino lanche, seguindo depois os noivos para o Pôrto, onde vão fixar residência.

— Em Felgueiras, na capela da casa de Valinhas, sendo celebrante o rev. Vigário Geral da Diocese, conego Mgr. Dr. Manuel Pereira Lopes, realizou-se o casamento da sr.ª D. Isabel Maria Cabral Ribeiro de Meyreles, gentil filha da sr.ª D. Izabel Maria Cabral Ribeiro de Meyreles, já falecida, e do sr. António Maria de Meyreles Pessanha Leite Teixeira Coelho, com o sr. D. Manuel Maria de Melo Pereira de Magalhães, filho dos sr.s Condes de Alpendurada.

Serviram de padrinhos da noiva, sua tia paterna, sr.ª D. Maria Adelaide de Meyreles Teixeira Coelho e o seu tio materno, sr. engenheiro Pedro Ignacio Alvares Ribeiro, e do noivo, a sr. D. Maria Josefina Carvalho Pereira de Magalhães Wanderchneider e seu tio D. António de Melo Vaz de Sampaio.

Finda a ceremónia foi servido um fino lanche no salão de mesa do palácio.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.



Casamento da sr.ª D. Elzira Louro com o sr. João Vasco Aguas. — (Foto, Serra Ribeiro)

Nascimentos

— Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma creança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Manuela Dulce de Almeida Lewes, esposa do sr. Morris Guitana Lewes.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Deu á luz uma creança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria das Dores de Lencastre Ferreira Pinto, esposa do sr. engenheiro Alvaro Leite Pereira de Melo Ferreira Pinto.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma creança do sexo masculino a sr. D. Emília de Azevedo da Silveira Navarro Vilhena, esposa do sr. Dr. Alberto Soares Chaves de Navarro Vilhena.

Mãi e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma creança do sexo femimino, a sr.ª D. Gina de Lima e Cunha de Campos Melo, esposa do sr. José Maria de Campos Melo.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Angelica Marques Teixeira Caldeira de Carvalho, esposa do sr. Dr. Fernando Tenório Caldeira de Carvalho.

Mãi e filha estão felizmente bem.

Baptizados

Realizou-se há dias o baptizado de um filhinho da sr.ª D. Rosa Ferreira Nunes de Matos e do sr. Jorge Eduardo Lobo Nunes de Matos.

Á gentil creança, a quem foi dado o nome de Jorge Pedro, serviu de madrinha a sr. D. Maria Tereza Lobo Nunes de Matos e de padrinho o sr. Dr. Manuel de Lemos.

— Foi baptisada uma filhinha da sr.ª Angelina Alves Pimenta e do sr. Dr. Germano Pimenta, tendo servido de padrinhos, seus irmãos Maria Angelina e António da Silva Pimenta.

A' gentil creança foi dado o nome de Maria Tereza.

— Na paroquial igreja de Arroios, sendo celebrante o reverendo padre Pontes realizou-se o baptizado do gentil filhinho da sr.ª D. Maria do Patrocinio Candido de Magalhães e do sr. Julio de Magalhães.

Á creança, que recebeu o nome de Julio Edgard, serviu de madrinha a sr.ª D. Adelaide Candido Caetano, e, de padrinho, o sr. Edgard Carneiro de Magalhães.

As «leoas» gimnastas mantêm as suas brilhantes tradições apresentando-se sempre com garbo e correcção

A QUINZENA DESPORTIVA

NUNCA sentimos tanto os inconvenientes da larga periodicidade destas crónicas como desta vez, que um acontecimento sobre o qual é impossível guardar silêncio caiu em data que não permite as nossas apreciações senão com atrazo tal que chegam à vista dos leitores depois já de passado o período de acuidade da questão.

Existem, porém, assuntos — e êste é um dêles — cuja importância se estende além do período imediato e que devem ser minuciosa e implacàvelmente esclarecidos para que, em modesta compensação do aspecto desastroso que revestiram, possam ao menos fornecer a lição dum exemplo a evitar no futuro.

Trata-se do encontro de futebol Lisboa-Sevilha e da inesperada e desprimorosa derrota que trouxemos da cidade andaluza.

Talvez pela larga soma de anos de íntima actividade no meio, talvez por motivo de interpretação pessoal da importância a dar às competições desportivas, evitamos em regra de considerar os desaires no campo internacional como casos atentatórios do brio português.

Sucede, porém, que não é bem êste o critério dos governantes da Nação, aos quais pertencem todos os direitos, visto que assumem todas as responsabilidades.

Em tal ordem de ideias, teremos que, compreender como ditada pelos legítimos interêsses do País a intervenção do sr. Ministro da Educação Nacional junto da F. P. F., quando fomos, inesperadamente também, derrotados em Lisboa pela equipa suiça, numa tarde em que os nossos visitantes excederam a classe habitual das suas exibições, e aos lusitanos escasseara energia e entusiasmo para contrapôr à superioridade técnica dos adversários.

Ora entre a derrota das Salésias e o desastre de Sevilha, as atenuantes invocáveis são todas a favor da primeira; não se tolera que um grupo quási semelhante à selecção nacional seja desbaratado sem reacção por uma equipa puramente regional e num país que há três anos vive alheado das lutas desportivas e sofrendo os horrores e privações da mais implacável guerra interna.

Desta vez, sim, justifica-se, é necessário até, que se investiguem as causas do desaire, incontestàvelmente desprimoroso para as tradições do desporto português. Normalmente, na posse dos seus recursos físicos e senhora das suas faculdades morais, nunca equipa lisboeta poderia ser batida por 5 a 1 na terra sevilhana.

Sobre o assunto emitiram-se as mais diversas opiniões, procuraram-se — como é deplorável hábito do nosso país de amigos — desculpas que atenuassem responsabilidades, mas permaneceu testemunhado à evidência que foram culpados jagadores a quem faltou a noção da dignidade própria e a consciência dos deveres a cumprir, e os dirigentes acompanhantes cuja incompetência excedeu a medida e cujo papel desempenhado foi o de simples turistas para os quais o jôgo representou opurtuno pretexto para visitarem na máxima fôrça a pitoresca Andaluzia.

E' profundamente lamentável que a mentalidade dos futebolistas escolhidos para representar o País no estranjeiro seja tão leviana que seja indispensável fiscalização rigorosa para evitar que cometam estravagâncias e excessos; triste sintoma de inconsciência, êsse de encararem um honroso encargo, pesado de responsabilidades, como problema secundário cujo resultado não importa ante a eventualidade duns dias e dumas noites de folguedo, de "roda livre„ como êles dizem na sua gíria peculiar. Não serei eu que os desculpe nem lhes poupe as censuras. Mas, por outro lado, que pensar dos dirigentes que esquecem o seu dever de fiscais da disciplina e mentores dêsses inconscientes, consentindo-lhes ampla liberdade pela cómoda preferência de tambem aproveitarem por conta própria as regalias da excursão?

Tivemos a curiosidade de colher impressões directas dos jogadores após o seu regresso; reconheciam que tinham abusado dos divertimentos, recolhido a deshoras na véspera da partida e atribuiam o fracasso da exibição à quebreira que de todos se apossou após meia hora de esforços.

Dos dirigentes, dizem, nunca mais viram sombra. Verdade? Exagêro? há desculpa? Não podemos afirmar, mas reconhecemos que é indispensável esclarecer o espírito público, para escorraçar os maus dirigentes dos postos que abusivamente ocupam compremetendo a dignidade do futebol lisboeta, se as acusações forem exactas; para os rehabilitar duma apreciação que afecta o seu prestígio, se por acaso as coisas se não passaram como consta.

Sem possível contestação está averiguado que a viagem foi feita em condições incómodas e fatigantes, que a data do encontro foi inoportuna porque muitos dos selecionados, nomeadamente os homens do Benfica, partiram já inferiorizados por uma semana de vida irregular, com banquetes e festas de homenagem; finalmente, ainda, que nada explica a ausência na caravana dum maçagista que, pelos seus serviços, substituiria com vantagem um dos muitos directores da A. F. L. que acompanharam a equipa.

A classe infantil de gimnástica do Sporting Clube de Portugal cuja apresentação no sarau promovido por êste grémio foi motivo de assinalado êxito

Quando um jogador prevarica, a fôrça dos regulamentos, aplicada pelos dirigentes, castiga-o para exemplo futuro; a bem da autoridade e da justiça, quando suceda aos dirigentes darem prova de fraqueza ou incapacidade, é preciso que alguém com poderes superiores lhes indique a conveniência de abandonarem os seus postos, cedendo-os a quem os tome como postos de honra pelos quais se sacrificam interêsses pessoais.

★

Menos dum mês após a celebração do aniversário do Sport Lisboa e Benfica, o outro dos mais populares e importantes clubes lisboetas festejou também a data da sua fundação.

O Sporting Clube de Portugal, cujo nome trinta e três anos de porfiada e intemerata labuta desportiva divulgaram entre tôda a gente portuguesa, é das agremiações nacionais mais ricas de glória e melhor dignas de respeito a que tem jus qualquer organismo que apresente uma obra construtiva, orientada em benefício do interêsse público.

Os muitos milhares de adeptos arregimentados nas suas fileiras e, mais ainda, a enegualada expansão traduzida pela afluência de feliais espalhadas por todo o território nacional, fazem do Sporting uma fôrça disciplinada de considerável influência na propaganda das ideias desportivas e dos bons princípios de preparação e cultura física da mocidade.

A colectividade de hoje, em consequência dum largo período de administração conscênciosa e uniforme, singra em perfeito equilíbrio e em fecunda laboração desportíva, do mais completo ecletismo. Firme sempre nos primeiros postos em competições de futebol, campeão de longa data em torneios de handball, dispondo de valorosos representantes no hokey em patins, no basket, no tennis e no ping-pong, afamado pelos seus triunfos consecutivos em atletismo, ciclismo e tiro, em fase de brilhante ressurgimento na natação, o Sporting adiciona a todas estas verbas de activo, outra parcela poderosa de capitalização com o desenvolvimento notável, único em agremiações de características e tendências predominantemente desportivas, da sua secção de gimnástica educativa e aplicada, cujas classes ombream sem desprimor com as melhores dos institutos especializados.

Assim, poderemos destacar, do programa dos festejos comemorativos do aniversário leonino, aquelas manifestações em que a gimnástica preponderou e que foram as de mais assentuado brilhantismo.

Na própria parada desportiva que desfilou no campo do Estádio se notou a influência do critério de orientação educativa dominante no clube, pelo aprumo geral dos participantes, desde os mais pequeninos gimnastas aos atletas de fama, pelo garbo e certeza da marcha, pela disciplina e perfeição das formaturas e evoluções. Os desfiles deste género são, com frequência, simples passagens de indivíduos a andar; a parada do Sporting foi, de facto, um desfile de atletas marchando.

O sarau organizado nos salões da sede para apresentação dos alunos da classe de gimnástica aplicada e das classes educativas de crianças e senhoras foi outra manifestação triunfal dos progressos conseguidos com uma orientação firme e persistente.

A representação do atletismo, uma das mais gloriosas secções do clube, desfilando na parada do aniversário do Sporting

Na parada desportiva que o Sporting organizou por ocasião do seu 33.º aniversário o estandarte do clube fôra confiado às mãos do dr. Eduardo Oliveira Martins, figura das mais prestigiosas de entre os atletas da agremiação

O Sporting fornece com esta sua íntima associação da actividade desportiva com a prática da gimnástica educativa, um exemplo da evolução do critério predominante no meio e que devia ser emitado por tôdas as agremiações congéneres que assim valorizariam o rendimento do material humano confiado à sua orientação.

★

Não chegou a durar um mês, o record de velocidade em avião estabelecido pelo alemão Dieterlé, a que nos referimos já numa crónica precedente salientando a importância do seu significado como prova do progresso mecânico e material da aviação contemporânea.

Com efeito, um outro piloto germânico, Wendel, pilotando aparelho de marca diversa alcançou a média cada vez mais incrível de 755 Km.,110 à hora, melhorando de 8 Km.,450 o máximo precedente.

No curto espaço de tempo de ano e meio, desde que os alemães consagraram o seu interêsse aos problemas de velocidade aérea, o "record„ deu um salto de mais de 130 quilómetros: nm 11 de Novembro de 1937 Wurster atinge 620 Km., 950 à hora, em 30 de Março passado Dieterlé progride para 746 Km.,660 e em 27 de Abril último Wendel realiza a sua proeza, que de momento nos assombra mas que o exemplo do passado nos obriga também a considerar, após a reflexão, como simples incidente transitório da ilimitada evolução do progresso nas construções humanas.

O acréscimo de fôrça dos motores e o aperfeiçoamento do perfil aerodinâmico das máquinas voadoras, são os dois elementos sôbre os quais assenta esta subida das velocidades máximas, e a razão indica-nos que ambos são susceptíveis ainda de aumento e correção; esperemos, por tanto, para o ano os oitocentos quilómetros à hora.

SALAZAR CARREIRA

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick, língua; Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; Moreno; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 30

(Totalidade de pontos - 19)

QUADRO DE HONRA

Aço, Alguém, Alvarinho, Báscaro, Copofónico, D. Pericles, Elbelo, Eusapesca, Meio-Kilo, Mora-Rei, Morenita, Papa-Almudes, X-8, X-9, Castela Dado, Nuninho, Siulno, Marcolim, e Ti-Beado — 19

QUADRO DE MÉRITO

Dr. Sicascar, Sol de Inverno, Ramou Lácrimas, Agasio, Mirna e Diriso — 15 Um Misterioso, Cigano, Sevla, Francisco J. Courelas, Calaveras e Dama Negra — 14 Oacica, Anjo das Serras, Neptuno, Tarata e Visconde X-11, Aristofanes J. Tavares e Fra-Diávolo — 8.

DECIFRAÇÕES

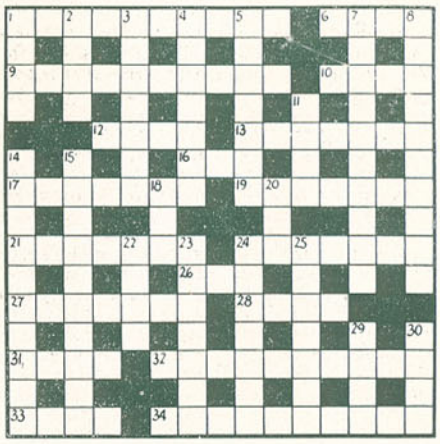
1 — Sombrio. 2 — Talvez. 3 — Xetas. 4. Graxo. 5 — Assis. 6 — Risota. 7 — Remate. 8 — Arruador. 9 — Alvoroto. 10 — Correcto. 11 — Palafitas. 12 — Aforrado. 13 — Cer(va)to. 14 — Enga(ja)tado. 15 — Mu(gi)do. 16 — Per(si)na. 17 — Au(ro)ra. 18 — Ma(ni)ce. 19 — Nem rei nem papa à morte escapa.

PRÉMIO

Conforme referimos no número anterior realizou-se, pela lotaria de 20 do mês findo, o sorteio da obra literária atribuida aos decifradores de palavras cruzadas, cabendo o referido prémio à confrade «Morenita». Os nossos parabens.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 7



HORIZONTAIS

1 — Sopito. 6 — Espírito. 9 — Formal. 10 — Folga. 12 — Equipa. 13 — Compositor musical italiano. 16 — Padece. 17 — Abochornado. 19 — Turca. 21 — Contentar. 24 — Pálido. 26 — Aqui está. 27 — Igualam. 28 — Ecoa. 31 — Cordeiro. 32 — Diamantino. 33 — Repete. 34 — Falanfrório.

VERTICAIS

1 — Elevado. 14 — Desgraça. 2 — Produto. 15 — Casamento. 3 — Pluralidade. 22 — Senhora. 18 — Sofra. 4 — Citado. 23 — Socorre. 5 — Motejo. 24 — Tomava. 20 — Moda. 11 — Preamar. 25 — Afrouxar. 7 — Lamentável. 29 — Pilar. 8 — Faccioso. 30 — Vulgo.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 39

CORRIGENDA

«Desporto mental» n.º 33: Sincopada n.º 11; 2.ª parcial «*honrado*», sòmente. Idem n.º 37: Aditiva n.º 5 deve ler-se: O teu amigo parece uma «*laranja descascada*»!... Mete *pena*, tão novo e já tão... *esquelético!* 2-1. Idem n.º 38: Aditiva n.º 3; o 6.º verso da 1.ª oitava deve ler-se, como o seu autor escreveu «Na gorja, e a setínea escada...» As nossas desculpas.

RESULTADOS DO N.º 27

Por lapso faltou mencionar, em devido tempo, as decifrações dos trabalhos no n.º 27 e que são as seguintes:

1 — Paravoa. 2 — Poeta. 3 — Rejeitado. 4 — Número. 5 — Vacuidade. 7 — Ver(da)de. 8 — Me(di da. 9 — Mo'ne)te. 10 — Embar(ri)cado. 11 — U(fa)no. 12 — As(tu)to. 13 — Ca(mi)sa. 14 — O cão no ôsso e a cadela no lombo.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

(A ti)

1) *Procede* sempre com tino — 2-6-3-5
desprezando os galanteios;
sendo grande é pequenino
o orbe dos teus devaneios.

Já *desponta no horizonte* — 1-2-4-5
uma alvorada bendita
para te avivar a fronte
e torná-la mais bonita.

Só de ver-te que *ventura* — 3-4-7-5
eu sinto no coração!...
Tudo é claridade pura
dentro da minha emoção.

Maldade em ti não existe, — 2-1-7-8
és da virtude o modêlo...
Mas não andes assim triste,
mostra o teu sorriso *belo*.

Lisboa *Barão Y*

CHARADA SINCOPADA

2) Diz alguém
Que o pateta do Martins
Sempre tem
Manias, muitas *manias*.
Pois confrade
Eu, por mal dos meus pecados,
Sem vontade,
Já lhe aturei maus *bocados*. 3-2

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ENIGMA

3) Sou pai de um filho, que não é meu filho
Porque sendo meu filho êle é meu pai;
Eu não lhe dei o ser, sendo seu pai,
Êle mo deu a mim, sendo meu filho.
Fui sempre casto, e tenho-o por meu filho;
Sou virgem e êle diz que sou seu pai;
Eu bem sei que êle é filho de outro pai,
E não posso negar que êle é meu filho.
Não sou primeiro que êle, e sou seu pai,
Porque sendo primeiro êste meu filho,
Êle é feito primeiro que seu pai.
Hei-de morrer primeiro que meu filho.
E, não herdando o filho os bens do pai.
O pai é que há-de herdar os bens do filho.

Observação: Por curiosidade inserimos aqui êste interessante enigma, publicado no «Lembranças» de 1859, pág. 144.

4) Com os pés pela cabeça
e o princípio pelo fim,
não há quem se compadeça
de ver um mísero assim.

Só, no meio da risota,
vive o pobre, desgraçado;
que tratado com chacota
não tem *alguém* a seu lado.

Luanda *Um Misterioso*

5) Alinhei três vogais
perfeitamente iguais:
nos dois intervalos
coloquei consoantes
e, também, semelhantes.
Com esta trapalhada,
bem ou mal engendrada,
arranjei um *buraco*
na quilha de um barco
p'ra escoamento dágua.

Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

6) É insensato quem *deseja* todas as comodidades para o *princípio* da vida e não pensa *no futuro*. (2-2)3.

Luanda *Enigmático (T. E.)*

7) Quando já se está a *declinar*, deve *tapar-se* muito bem, para ninguém o *patentear*. (2-2)3.

Luanda *Um Misterioso*

8) Um *homem gordo* foi no *rasto* de um *alforge*. (2-2)3.

Luanda *Mr. de Bossat*

SINCOPADAS

9) *Falácia grauda*. 3-2.

Lisboa *Mora-Rei*

(Desafiando o Nuninho para esta Secção)

10) Um *boato falso voa* depressa. 3-2.

Lisboa *Alvarinho*

11) Aquele *que tem barba* é *poeta?* 3-2.

Lisboa *Morenita*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

12) GEROGLIFO SIMPES

(Enigma figurado)

Lisboa *Jónio*

JÓIAS E FLORES

A mulher desde que existe tem o culto de si própria, o desejo de se tornar mais bela mais atraente e sobretudo de se tornar a mais bela de tôdas, aquela que chama tôdas as atenções, que atrai todos os olhares e que é a primeira entre tôdas, a formosa, entre as formosas.

Se é natural, desculpável e mesmo agradável êsse desejo de embelezamento, que faz com que a mulher seja o verdadeiro ornamento do lar, e que a torna agradável à vista, essa vaidade louca, êsse desejo de ser a primeira entre tôdas, essa ambição de reinar sôbre as outras mulheres não é louvável e torna a mulher antipática e desagradável embora ela seja de facto a mais bonita, a mais elegante, a mais bela.

Entre os mil ornamentos da beleza feminina, sêdas ricas, tecidos leves como a perolada teia de aranha, que o rócio da manhã torna brilhante e rica, as peles valiosas que vêm dos gelos da Rússia, as rendas finas e transparentes que mãos delicadas constroem, ponto a ponto com tenues fios de linho ou de sêda, e que lembram a espuma branca do mar, que orla as vagas que se espraiam na areia, perguiçosamente, ou que se despedaçam ruidosamente contra os rochedos, duas coisas há que a mulher coloca em lugar superior: jóias e flores.

As flores frescas e delicadas que fazem valer a sua própria frescura, flores verdadeiras e perfumadas que trazem à sua volta o aroma suave dum ambiente puro de jardim, flores de côres variadas e ardentes, flores roseas como os sonhos da juventude, flores brancas e puras simbolos de inocência, com que prazer são colocadas ao peito, num geito de graciosa vaidade.

Flores de sêda, de veludo, de cambraia como o coquetismo da mulher as sabe aproveitar para ornar a banda dum vestido alfaiate tirando-lhe êsse ar masculino que dá êsse trajo, espalhando-as nos chapéus, enfeitando os vestidos de baile, e assim a mulher presta homenagem à mais delicada obra de Deus, à flor de que ela é uma irmã, quando jóvem e bela.

As jóias sua outra predileção desde remotíssimos tempos guarnecem a sua fronte bela, os seus frescos braços, os seus delicados dedos, enrolam-se ao seu pescoço, repousam no seu peito.

As jóias sumptuosas, ricos brilhantes, essas jóias que darão mais brilho a um olhar, mais alvura à pele, mais sumptuosidade ao conjunto, jóias que não atrairão mais os olhares dos homens que a-pesar-de nem tôdas possuirem a flor da poesia na alma, se sentirão mais atraídas pelo fresco raminho de flores, mas que darão o sentimento da superioridade junto às outras mulheres que as contemplarem e que darão também êsse sentimento de vaidade à sua possuidora, que quando não pode lutar em frescura e beleza, vence em pedrarias de alto valor.

A mulher simples que se enfeita num hábito doce de querer agradar, de tornar o ambiente à sua volta mais suave, mais alegre, prefere o ornamento que lhe dá a flor.

Não se enfeita para se impor mas sim num gesto natural de garridice.

A mulher soberba, vaidosa, que quer brilhar, que quer vencer, que tem o gôsto do luxo inato em si, tem a preferência pela jóia, o desejo de ser a mais ricamente adornada.

Há espíritos de mulher que se obsecam completamente no desejo das jóias, desejo que as arrasta às maiores baixezas, para as possuirem. Um brilhante tenta-as ao ponto de por êle se venderem e como são para lamentar as que assim se apaixonam por pedras preciosas, que tão falsas lhe são por vezes, levando-as ao mal e fazendo-lhes mal, como o célebre colar da Raínha, roubado sem ela o saber. Mas que foi das primeiras pedras em que os delicados pés de Maria Antonieta de França tropeçaram, o primeiro passo do seu calvário.

E êsse escandaloso processo em que a lama salpicou a raínha inocente dessa compra falsa, pôde fazer-se por ser conhecido o seu louco entusiasmo pelas jóias! E — extranho destino! — foi a jóia a que ela renunciou, a que mais contribuiu para seu descrédito e perda.

Mas ambiciosa ou simples, o facto é que nenhuma mulher é insensível à beleza duma jóia bonita e artística e tôdas gostam de se enfeitar com jóias.

O gôsto pelas jóias, que no século XVIII atingiu o apogeu, tinha-se perdido completamente nessa terrível confusão que foi o depois da guerra, o grande flagelo que martirizou a humanidade.

Como guarnição um colar de contas de vidro, abolidas as pulseiras e os brincos, só os anéis pareciam senhores, cintilando as suas pedrarias nas brancas mãos femininas.

Há pouco renasceu o gôsto pelas jóias, com o resurgimento das «toilettes» tão femininas, dos complicados penteados, dêsse geral encanto que de novo adorna a mulher.

Mas como sempre e em tudo, nota-se o exagêro, os braços carregados de pulseiras, os dedos com grandes e pesados aneis; senhoras há, que parecem verdadeiras montras de ourives. E é preciso fugir a êsse excesso que não é elegante e não tem distinção.

Quanto mais elegante não é a mulher que tendo um rico colar de pérolas do mais belo Oriente, essa jóia que no seu grande valor é discreta; não a junta a brilhantes, rubis e esmeraldas e o usa apenas com uma pulseira em pérolas, num anel com uma pérola e duas pérolas nas orelhas.

E' luxo também; maior e mais valioso do que o de inúmeras jóias mas é luxo de bom gôsto, luxo requintadamente escolhido e que não tem êsse antipático aspecto de dizer às outras mulheres: «Vejam como brilho e quantas jóias possuo».

A jóia actual, a jóia moderna é em geral muito artística, e vemos aplicar nela essas pedras de fantasia que não têm talvez um grande valor mas que são muito decorativas, como a turmalina, o jade, o lápis-lazuli, o coral; que juntas a diamantes e brilhantes fazem verdadeiras obras primas de arte.

Mas se é feio ver numa simples blusa de manhã um grande alfinete de brilhantes, à tarde sôbre um vestido de setim preto meio oculto pelas peles, no inverno, por umas flores no verão êsse alfinete será a mais bela guarnição, assim como o grande brilhante que cintila e faz mil-luzes, que com o «tailleur» é descabido, fará brilhar; uma delicada mão que tire a luva e pegue graciosamente numa chavena de chá a loira e perfumada bebida, que nos vem do Oriente, e se bebe à hora elegante do chá das cinco.

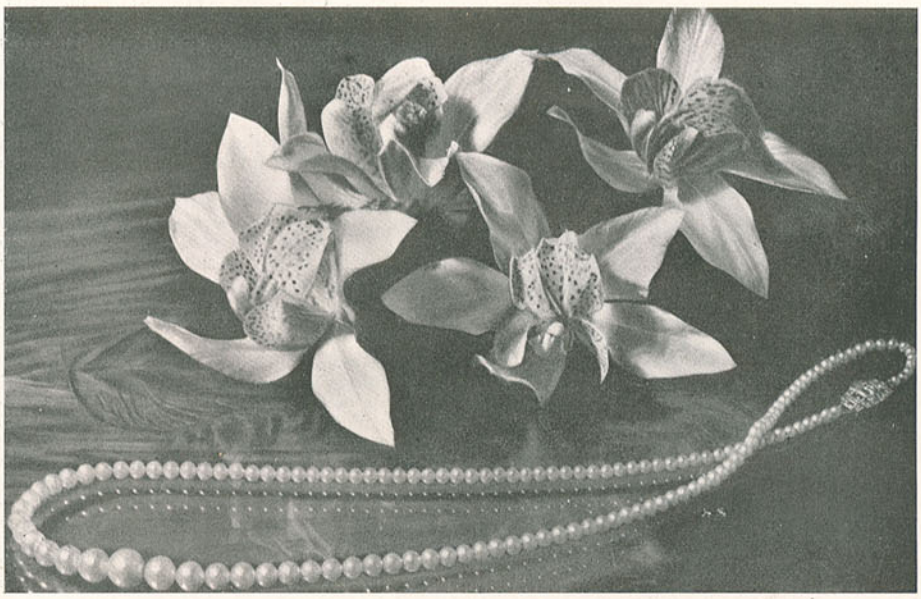
Mas nas jóias como em tudo a moda impera e os longos «sautoirs» em pérolas já não têm a mesma voga, e vêem-se apenas essas cordas feitas de pérolas miúdinhas. O colar pequeno em volta do pescoço com o seu fecho de diamantes é que não perde a sua primazia e vê-se cada vez mais assim como o chamado «collier de chien» que apenas pode ser usado pelas senhoras que tenham o pescoço delgado e muito alto.

A elegância exige também nas jóias modernas o uso do que antigamente se chamava o aderêço, o mesmo desenho no colar, nos brincos, no alfinete e no anel.

Os brincos com os novos penteados também voltaram a ter grande uso. Mas o que é preciso é que a mulher compreenda que certas jóias só podem ser usadas pelas senhoras em certas condições sociais, e, não podem ser usadas em qualquer ocasião.

E também que se convençam que enfeitada com ricas jóias ou guarnecida com frescas flores a mulher nova e bela é sempre atraente e que acima de tudo a expressão tranqüila que brilha nuns olhos em que se espelha a consciência serena é a maior beleza que pode possuir.

MARIA DE EÇA



e serena vida como duma injustiça da sorte. Queixam-se em cartas torturadas, como se fossem privadas dum dos maiores gozos da sua época, duma das maiores felicidades da vida de hoje!

E não compreendem que vivendo num ambiente são, rodeadas pela sua família a quem podem dedicar os seus cuidados, dispensar o seu carinho, tendo ainda momentos livres para dedicar á cultura do seu espírito, por uma leitura escolhida, que podem aperfeiçoar a sua alma, numa superior vida espiritual, cultivar amisades, num convivio dos mais agradáveis são aquelas que podem dizer que podendo aproveitar todas as regalias da vida moderna, todo o conforto material, que ela proporciona podem fazer a mais apradável das vidas, aquela para que a mulher foi feita; a vida do lar.

A vida de divertimentos, de teatros, de cinemas, de bailes e chás "Ma Jongh„, acaba por deixar da alma um vasio que lembra uma cidade abrasada primeiro e coberta de cinzas em seguida.

E' uma vida que escangalha a saúde e destroe por completo a família. Não ha tempo para pensar em coisa nenhuma e acaba por destruir a sensibilidade.

Muitas vezes em festas se ouve d zer: "tenho de ir mais cedo, tenho os pequenos doentes„ e dá então vontade de responder: Não é mais cedo que deve ir, é já, nem mesmo devia ter vindo, porque o lugar duma mãi, que tem os filhos doentes, é ao pé dêles e não em festas, em que não faz falta nenhuma e de que nada de útil pode tirar. Mas a isto chama-se "os deveres de sociedade„, como se houvesse alguns deveres mais fortes, do que o dever de uma mãi velar pelos seus filhos.

Outras senhoras lamentam a independência de ganhar a vida e de poder dispor do dinheiro ganho pelo seu trabalho, fazendo uma vida que não seja a da gata Borralheira.

Mas não sabem quanta humilhação sofrida nesse trabalho, ás ordens muitas vezes de pessôas sem educação, e, que abusam da sua autoridade. Que cansaço naquelas horas em que se não pertencem e que têm de fazer o que lhes mandam, e, quando chega a invejada independência do dinheiro ganho, quantas horas de amargurada dependência êle não representa.

A vida moderna é um verdadeiro turbilhão em que nas grandes cidades são todos arrastados pelo impulso geral que não dá tréguas nem descanso.

Vida de divertimentos para uns, divertimentos que acabam a maior parte das vezes, por se tornar em penosa obrigação, vida de trabalho para outros, trabalho exaustivo, que deixa apenas o tempo para comer e dormir, vida dispersa de outros, de que nada útil resulta, mas que me dá sempre a impressão das fôlhas sôltas; que sêcas caíram das árvores, e, que quando há um forte vento rodopiam no ar, sem destino, impelidas pela corrente de ar.

As amizades, as relações de família enfraquecem, dissolvem-se e quási desaparecem; nas grandes capitais como Londres e Paris há pessoas de família que se vêem uma ou duas vezes no ano, e, apenas se ouvem pelo telefone e isto de vez em quando.

Esta vida é uma desagregação de tudo o que até aqui fazia o encanto dos que viveram antes de nós, uma vida mais tranquila, mais serena, menos interessante dizem os apologistas da agitada vida actual, mas com certeza mais proveitosa em geral e sobretudo mais propicia á vida interior, sem a qual se não pode desenvolver a personalidade e aperfeiçoar o espírito.

O trabalho feito numas condições físicas incomparàvelmente melhores, porque realizado tranquilamente tinha de ser mais perfeito, do que aquele que se faz numa febril trepidação de pressa.

E para a mulher que já em si tem um pouco o hábito da dispersão esta vida torna-se exaustiva e menos perigosa.

Não há tempo para se concentrar, para pensar em si, para viver um pouco a própria vida e para adquirir assim uma consciência perfeita do seu eu, que se só pela vida espiritual pode conseguir, e, arrastada pelo turbilhão, atordoada pela velocidade adquirida, sem ter tempo para pensar e reflectir, quantas vezes não pratica actos, que intimamente reprova e que confessa não saber como os fez: actos que numa vida tranquila e reflectida nunca teria praticado, e, que resultam para ela em verdadeiras infelicidades, num desabar de tudo à sua volta e que ficam cravados na sua alma com o espinho do remorso, actos que a sua consciência nunca aceitará.

Mas a atmosfera duma esposa contagia todos, e, o que é mais para admirar é que aquelas que têm a felicidade de viver uma vida tranquila no remanso dum solar provinciano, ou numa pequena cidade onde a vida não atingiu êsse aspecto de rodopio, queixam-se da sua tranquila

PÁGINAS FEMININAS

Aquelas que fazem essa tranquila e dôce vida da mulher, que vive no seu lar, nunca se devem queixar, mas apreciar a felicidade que lhes coube e se da sua missão lhes sobram horas disponiveis, aproveitem-nas fazendo o bem, há sempre e em tôda a parte, quem necessite da caridade, se não materialmente, espiritualmente e levar a consolação a uma alma triste é tão caridoso como dar um pão a quem tem fome.

Maria de Eça

A MODA

Longchamps o campo de corridas em Paris, é onde se lança a moda e tôdas as novidades da estação. O dia do «Grand Prix» é por assim dizer o dia da moda. O dia em que a mulher francesa, apresenta à mulher de todo o mundo, os vestidos e os chapéus, que ela usará durante uma estação.

Porque a verdade é esta; Paris mantém sempre a ditadura da moda. Hollywood ninho de mulheres bonitas tem querido roubar a Paris o cetro da moda mas não o tem conseguido. As suas mulheres cosmopolitas, são talvez mais belas do que as parisienses, mas não têm a sua graça no vestir.

Viena nos seus aureos tempos disputou o direito de ser a capital da moda, mas apesar da sua refinada elegância, Paris conservou sempre a supremacia na moda.

E assim continuará a ser. Longchamps deu-nos êste ano a visão dum campo de flores com as maviosas côres das «toilettes» femininas, com a graça dos floridos chapéus, plumas e fitas que fazem voltar a mulher à feminilidade graciosa de que se tinha afastado nos últimos anos.

Fôram notados nessa exposição de elegâncias os chapéus guarnecidos de longos véus em «chiffon» que caem nos hombros como «echarpes».

«Zailleurs» em côres claras todos os tons de rosa e de ciclamen. Vestidos vaporosos em tecidos femininos, muitas rendas em blusas.

Moda cheia de leveza e graça que muito contribuirá para o encanto da mulher, moda bem feminina e gentil.

Damos alguns modêlos dessa moda que encanta tôda a mulher que gosta de vestir bem.

Um modêlo de blusa em setim branco. As blusas mais do que nunca se usam e as blusas de setim branco são sempre dum lindo efeito. Esta forma uma espécie de jaquetinha com aba. O «empiécement» é feito com pontos à máquina formando acolchesado, assim como a aba na frente tem umas pontas dobradas no mesmo estilo. As mangas compridas são abundantemente franzidas na cava.

Para de manhã temos uma graciosa blusa feita ao «crochet» numa lã fina; na chamada renda de gancho junta a tiras de «crochet» liso. Tem as mangas curtas e é usada com uma saia também em lã, feita à mão em «tricot». A blusa é em lã azul e a saia em beige dum efeito muito gracioso é muito prático para usar no campo e mais tarde nas praias.

Um vestido de noite muito simples e moderno, que tem a linha Império muito acentuada.

Em crèpe mate branco tem a roda da saia e o corpo bordados a ouro com um original bordado que faz na saia uma alta barra.

O cinto com uma guarnição dourada sobe na frente formando um bico que lhe dá a linha do estilo que procura emitar.

Para a noite mais duas luxuosas «toilettes» que chamarão a atenção pela sua elegância riqueza e corte moderno.

A esquerda rico vestido em brocado de prata formando flores dum delicado colorido. A saia tem a originalidade de ser apanhada atraz em duas largas prègas, que lhe dão um ar dum modernismo extranho e desusado. O corpete que pregueia na cintura é decotado bastante e tem alças seguras por lindas e valiosas joias.

A direita vestido em setim branco desse setim que arma e é conhecido pelo nome de setim «duchesse» o corpete é formado por um alto cinto em bico onde a parte superior entra em franzido. A saia lisa acaba numa longa cauda forrada a gaze «chiffon» e guarnecida com fôlhas do lado interno.

São duas lindas «toilettes» a que a riqueza das joias que as guarnecem dão a maior sumptuosidade e brilho dando uma nota de superior elegância.

O USO DO CHAPÉU

A mulher no seu coquetismo inventou há séculos, o chapéu. Começaram por usar toucas de pano, que lhe cobriam os cabelos e emolduravam o rosto.

Pouco a pouco essas toucas fôram-se modificando e tomaram o aspecto fantástico que a Idade Média nos apresenta com esses toucados ponteagudos com um véu flutuante, toucados que chegaram a atingir setenta centímetros de altura.

Mais tarde as senhoras da época da Fronda lançaram os primeiros chapéus, esses grandes feltros com plumas, que durante muitos anos acompanharam os trajos de cavalaria e caça usados pelas senhoras da nobreza.

No século XVIII começaram a usar também os tricórnios, êsse chapéu que de tempos a tempos surge na moda, e, que temos de concordar muito favorece a mulher.

Em 1775 e 1785 mademoiselle Bertin a famosa modista de Maria Antonieta criou as mais fantásticas guarnições de cabelo. Mas reagindo contra esses disparates apareceram os primeiros chapéus de palha de Itália, que guarnecidos a flores e plumas, enfeitavam galantemente as cabeças das elegantes.

Mais tarde Lady Hamilton lançou a moda do turbante. Leroy, o fornecedor da Imperatriz Josefina lançou o chapelinho à «Manuela» que está reaparecendo na moda deste ano, guarnecido com um longo véu.

E de aí em deante a arte de fazer chapéus tornou-se difícil, e, adquiriu fóros duma verdadeira indústria, que tem enriquecido, quem a ela se dedica.

Durante séculos o chapéu era previlégio das classes altas e só as senhoras da alta burguezia e da aristocracia o usavam, hoje o chapéu democratisou-se e todas o usam.

Talvez por isso a democracia vai ainda mais longe, e, por tôda a parte se vêem senhoras em cabelo, mostrando os seus caprichosos penteados... O chapéu que deixou de ser previlégio duma casta é abandonado sob o pretexto de comodidade, como se a mulher alguma vez se tivesse preocupado com isso.

O QUE É ÚTIL SABER

Queimaduras: Para diminuir as dores das queimaduras aplicar rápidamente uma pasta de carbonato de soda feita com água fria e vendar a parte queimada com um pano ou ligadura.

Passagem a ferro de toalhas e guardanapos: Em vez de borrifar a roupa antes de ser passada, como é usual, mergulhar algumas das peças em água quente, espremer, meter entre duas peças sêcas e deixar bem enroladas, durante algumas horas, passá-las em seguida, ficam lindíssimas.

Conservação de ovos: Cobrem-se com silicato de potássio e põem-se a secar sôbre uma fôlha de papel, de maneira que não se toquem entre si. O silicato tapa os poros da casca do ovo, vitrifica-lhe a superfície, impedindo por conseguinte a entrada do ar e permitindo conservá-los em bom estado durante oito ou dez meses.

Conservação de sandwiches: Depois de feitas as «sandwiches» cobrem-se com um guardanapo molhado e podem desta maneira preparar-se com antecedência, ficando frescas.

HIGIENE E BELEZA

Uma bonita cabeleira é o melhor ornamento da mulher e actualmente é difícil encontrar se uma senhora que tenha um cabelo naturalmente bonito, que não esteja engrossado pelas tinturas, ou queimado pelas permanentes, que fazem, umas sobre outras.

Um dos males de que muito se queixam as senhoras, é da terrivel caspa sêca, que não só estraga o cabelo como cae para a roupa, dando um aspecto de desmasêlo a quem sofre dêste desconsolador mal.

Para tirar por completo a caspa usar a seguinte pomada: Tintura de jaborandi, 20 gramas; mistura de cantáridas, 10 gramas; tintura de romeiro, 10 gramas; Alcoolato de Fioravandi, 50 gramas; Rum, 50 gramas; Vaselina, 30 gramas; Borato de soda, 2 gramas; Essencia de Geranio, 30 gotas.

Depois de usar de manhã e á noite durante uma semana lavar a cabeça.

E depois não torturar o cabelo, deixar-lhe a sua côr natural e não o martirizar com ondulações e permanentes. E' necessario que haja vários tipos de beleza e não é forçoso para ser bela, ter o cabelo como carapinha.

RECEITAS DE COZINHA

Tomates recheados: — Duas chavenas de carne cozida e picada, meia chavena de miolo de pão ralado, uma colher das de sopa de manteiga, uma pitada de sal, mostarda ao gosto.

Junta-se esta á manteiga, dilui-se num terço de chavena de agua a ferver e mistura-se á carne, com a cebola, o pão e o sal, faz-se assim uma massa de picado.

Cortam-se as corôas a seis tomates, tão lisos e iguais quanto possivel, esvasiam-se e limpam-se muito bem das sementes. Enchem-se com o picado, colocam-se de novo as corôas e levam-se a forno moderado durante meia hora.

Bolo de almoço: — Misturar bem duas chávenas de açúcar escuro, uma pitada de sal, uma colher das de sopa, de banha. Junte uma chavena de leite, uma e meia de farinha peneirada com uma colher das de chá de fermento inglez em pó. Depois de bem misturado deitar num taboleiro untado com manteiga e polvilhar com açúcar e canela.

DE MULHER PARA MULHER

Indecisa — É um conselho difícil de dar, o que me pede. A escolha duma carreira e a orientação no estudo dependem e muito da vocação particular de cada pessôa. Tem ainda um ano para se decidir visto estar no 6.º ano do Liceu. Creio que para qualquer curso superior é necessário ter o 7.º ano. Depende do seu gosto e também muito das notas que tiver nas diversas disciplinas.

Mary — Não me parece necessário tomar uma decisão tão radical; afaste-se pouco a pouco, evitará assim comentários e falsas interpretações. Faça um «tailleur» em linho; é muito fresco e muito prático.

Violeta — Apreciei imenso as suas noticias, e é delicioso quando nos dizem que estão felizes. Faz muito bem em empregar os seus esforços na adaptação á sua nova vida. E como vê não é tão difícil como lhe parecia, o viver no campo. Seu marido hade sentir-se feliz de a vêr tão interessada nos seus trabalhos e tão encantada com a sua casa. Muitos parabens.

Maud: E' melhor comprar um bom figurino e escolher, é muito difícil dar um conselho sem conhecer o físico e sem ter o mais pequeno dado para o fazer.

Risonha: E faz muito bem de o ser visto que tem a felicidade de ser nova e querida pelos seus. São na verdade moda esses sapatos e se não fazem o pé elegante, são comodíssimos ao andar. Um «tailleur» bem feito é sempre elegante.

Violeta: Fez muito mal em proceder assim e deu a êsse rapaz uma péssima ideia de si, não wale a pena continuar a pensar nele, porque a resposta dele é das mais categóricas.

Não torne a expor-se a uma desilusão dessas e creia que a rapariga que se sabe conduzir com respeito de si própria, é sempre preferida.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 6, 2
Copas — 10, 5
Ouros — 2
Paus — — — —

Espadas — 10 5, 4 | **N** | Espadas — R. V.
Copas — 9 | **O** **E** | Copas — R. 4, 3
Ouros — D. V. | | Ouros — V. 8, 7
Paus — R. | **S** | Paus — 9

Espadas — — — —
Copas — D. 8, 2
Ouros — A. R.
Paus — A. 2

Sem trunfo **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução)

S joga D. *p*, **O** — 5 *c*, **N** — 3 *c*. **E** — 9. *p*.
S » 2 *c*., **N** — R. *c*.
N » R *e*., **S** — 5 *o*.
N » 2 *e*, **E** qualquer carta, **S** — 2 *p*., **O** — 9 *e*.
S joga 8 *c*., **N** — A. *c*., **E** qualquer carta.
S » 5 p., **O** — 4 *o*, **N** — 7 *e*., **E**, não podendo defender ouros — copas.
N e **S** cumprem.

Se quando **E** joga D. *p*, **O** joga 40, **N** — 10 *o*.
» **S** » 2 *c*., **N** — R. *c*.
» **N** » R. *c*., **S** — 6 *o*.
» **N** » 2 *e*, **E** qualquer carta, **S** — 2 *p*, **O** — 9 *e*,

Se quando **S** joga 5 *o* — **N** D. *o*.
» **N** 3 *e*, **E** qualquer carta, **S** — 4 *p*.
» 5 *p*, **O** — V. *c* ou D. *e*., **N** — 7 *e* ou 3 *c*., **E** — qualquer carta.

Se quando **S** joga D. *p*., **O** joga 8 *e*., **N** — 3 *c*., **E** — 9 *p*.

Se quando **S** joga 2 *c*., **N** — A. *c*.
» **N** » R. *e*., **N** — 5. *o*.
» **N** » 2 *e*., **E** — qualquer carta, **S** — 2 *p*., **O** — V. *e*.

Se quando **S** joga 6 *o*., **N** — D. *o*.
» **N** 3 *c*.. **E** qualquer carta, **S** — 4 *p*. **O** — D. *e*.

Se quando **S** joga 5 *p*., **N** — 10 *o*., e faz R. *e* e 7 *e*.

A idade dos noivos

(Solução)

Visto haver 4 anos de diferença entre as duas idades e o total ser 50, basta dividir 50 por 2, ou seja 25, juntando em seguida metade de 4, ou seja 2, a 25 para encontrar 27, a idade do noivo; subrai-se depois 2 a 25, o que dá 23, idade da noiva.

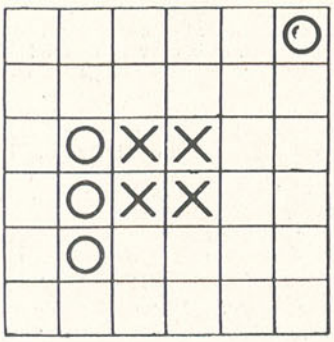
Há assim 4 anos de diferença entre as duas idades e o total é realmente 50 (27 + 23).

Era parisiense Cyrano

A peça de Rostand, *Cyrano de Bergerac*, representada pela primeira vez em Paris, no teatro da *Porte Saint Martin*, em Dezembro último foi, pela primeira vez representada na *Comédie Française*. Por essa ocasião chamaram a atenção para o facto de Cyrano não ter nascido em Bergerac, na Dordogne, mas sim em Paris. Seu pai Abel de Cyrano, exercia a profissão de negociante de peixe, no mercado daquela cidade. E foi em 6 de Março de 1619, na rua das *Duas Portas* — hoje rua *Dessoubs* — que nasceu o poeta e duelista Cyrano, em pleno centro de Paris. Como seu pai possuía por herança de Carlos de Lorena, o feudo de Bergerac, o jóvem Cyrano que lá havia passado parte da sua infância, adoptou mais tarde êste nome de «Bergerac», que soava tão bem a seguir ao seu.

Zeros e cruzes

(Problema)



Trata-se de cortar o quadrado em quatro partes — ao longo das linhas — de modo que cada parte contenha um zero e uma cruz e seja exàtamente do mesmo tamanho e feitio.

O facto de um dos zeros se encontrar tão afastado dos outros zeros e das cruzes torna talvez mais dificil a solução do problema.

Uma beatificação

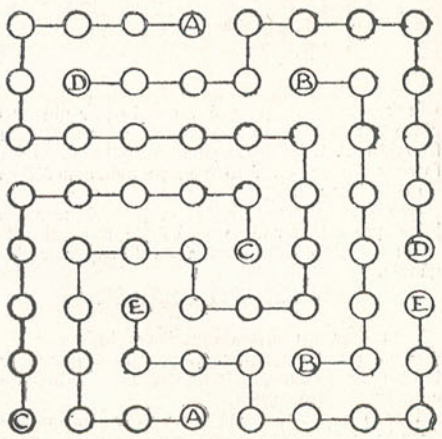
Madre Elisabeth Seton, que será talvez a primeira americana, de nascimento, a ser beatificada pela Igreja Católica, possue em Roma fervorosos partidários. A sua causa na América é especialmente pelo cardial Dougherty, o qual fez parte do recente Conclave.

Madre Seton, nasceu em 1774 e morreu em 1821 em Emmitsburg. Tendo-se convertido do protestantismo ao catolicismo, fundou nos Estados-Unidos o sistema das escolas paroquiais e foi ela quem estabeleceu o primeiro orfanato do país.

Actualmente os Estados-Unidos contam cêrca de 6.000 religiosas da sua ordem, e entre as famílias aparentadas com a sua cita-se a do presidente Roosevelt.

Um problema de estrategia

(Solução)



O deslocamento das várias unidades fez-se pela maneira indicada na gravura, escolhendo cada uma delas, estradas diferentes e passando por localidades também diferentes.

Para mais fácil compreensão, não indicamos na gravura as estradas que não foram utilisadas.

Encontrar a palavra

(Passatempo)

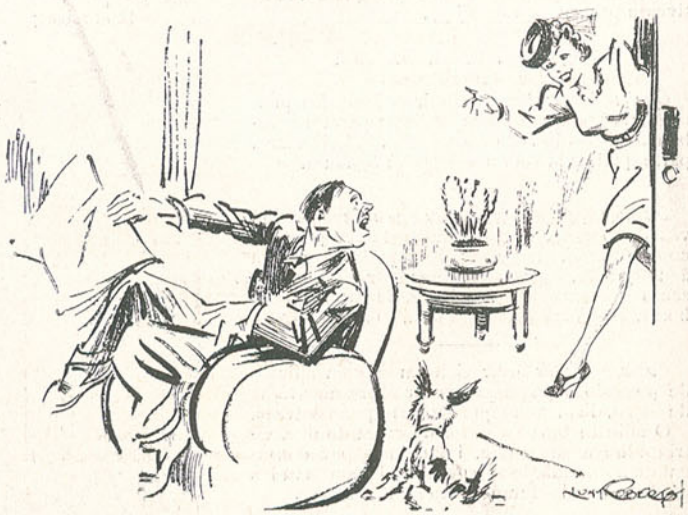
Nêsses vários grupos de palavras que abaixo se vêem está escondida uma palavra maior. Serão capazes de encontrá-la? Para simplificar, diremos que tôdas as letras da palavra invisível são diferêntes umas das outras, isto é, não tem nenhuma repetida.

Com as letras de que ela se compõe formaram-se as seguintes palavras:

lar pia crua pelica pura lêr pilar bica lei bulir lepra rei

Segundo diz um naturalista, a razão porque os coelhos têm o rabo branco é para que os pequeninos possam seguir as mães, em caso de fuga.

A côr dos coelhos assemelha-se tanto á do solo, que, se não fôsse essa circunstância, tornar-se-ia quási impossível aos coelhinhos seguir as mães.



O marido: — *O que é que tu dizes?! Acabaste de comprar agora 40 duzias de ovos!*
Ela: — *É verdade. Fiz marcha atraz com o carro e êle entrou pela mercearia dentro até onde os ovos estavam...*

(Do «The Humorist).

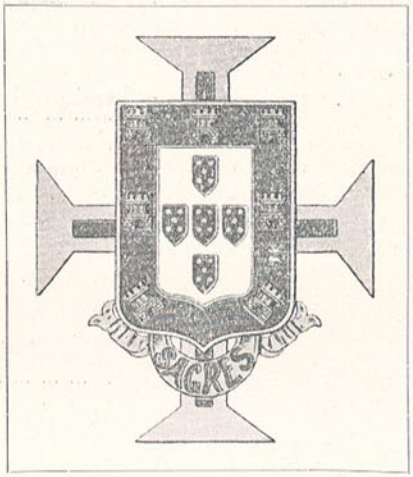
Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938
Esc. 21.045.116$72

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938
Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, ua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

Á VENDA

DESPORTOS
EDUCAÇÃO FÍSICA
E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch..... **8$00**
Pelo correio à cobrança..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O CONTO DE AMADIZ DE PORTUGAL

PARA OS RAPAZES PORTUGUESES

POR **Afonso Lopes Vieira**

1 vol. de 48 págs. formato 26 1/2 × 20, com desenhos e capa a côres de **Lino António**, br. **Esc. 7$00**
Pelo correio à cobrança, **Esc. 8$00**

★

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág , com 170 grav.'..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág., com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras.. ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs , com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqùenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19

com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 2.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA